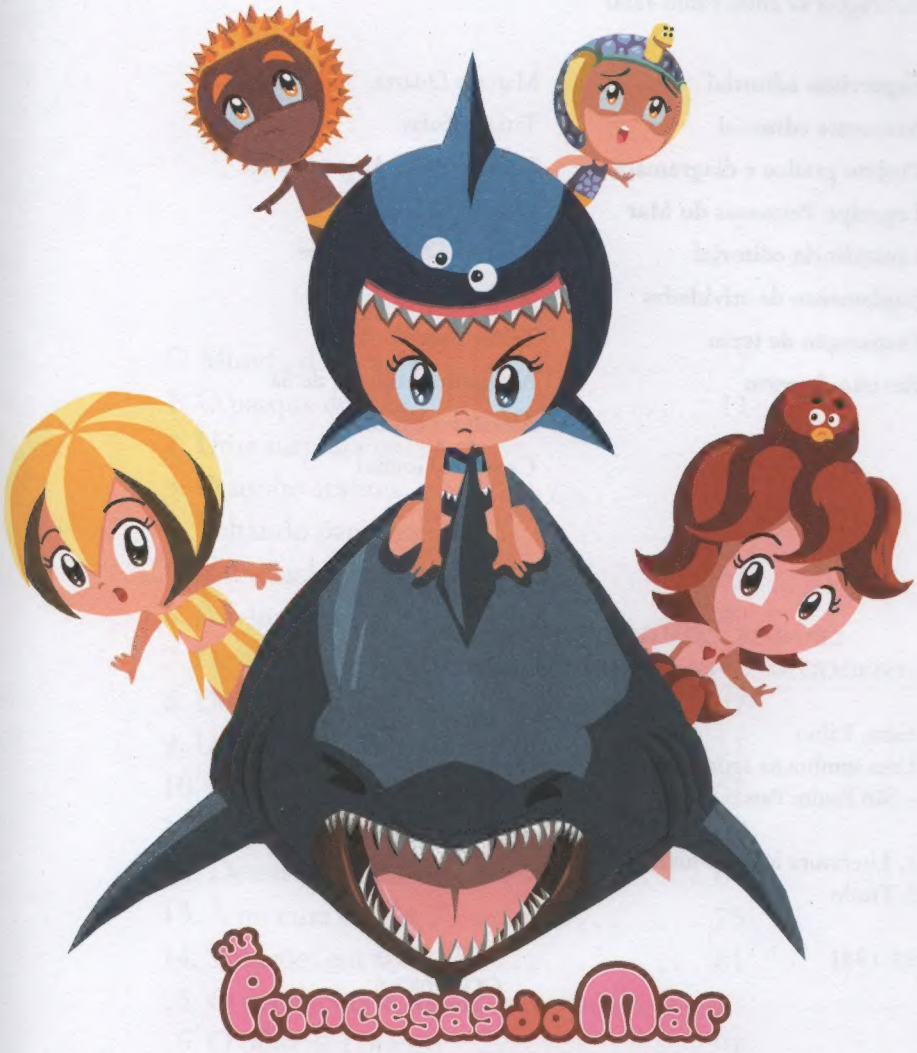
FÁBIO YABU

Princesas do Mar

UMA SOMBRA NA ÁGUA

PANDA BOOKS

FÁBIO YABU



UMA SOMBRA NA ÁGUA

PANDA BOOKS

SUMÁRIO

O Mundo de Salácia. 7
1. O parque do mar 11
2. Uma surpresa para a classe 17
3. O sonho acabou 23
4. Voltando para casa 29
5. A revelação de Tubarina 33
6. Polvina tem uma idéia 39
7. De castigo 43
8. Dona Judite traz más notícias 47
9. Um tubarão diferente 51
10. Perigo no caminho 57
11. A vida do senhor Lorenzo. 63
12. De cara com o mergulhador 69
13. À procura do Rei Tubarão. 75
14. Tubarões em ação 81
15. O dia em que a manhã não veio 87
16. O olho de Lorenzo 91
O autor 96

O MUNDO de SALÁCIA

Tem gente que olha para o mar e vê aquele enorme tecido azul que cobre com suas ondas milhares de formas de vida. Outros olham e notam como o céu que o cobre consegue deixá-lo ainda mais belo ao refletir o sol e as nuvens. Há também os que conseguem ver no mar prosa, poesia, saudade, amor.

Um belo dia resolvi olhar para esse mesmo mar que tanta gente conhece e ver o que eu descobria. No começo ele parecia bem normal, ainda mais porque cresci numa cidade litorânea. Mas aos poucos, à medida que ia contemplando sua beleza, comecei a notar coisas diferentes, que nunca havia percebido.

Naquele dia vi uma deusa. Seu nome era Salácia, soberana de um lugar secreto, escondido debaixo das ondas, repleto de riquezas incalculáveis. Não aquelas que nos enchem os cofres e os bolsos das calças, mas as que realmente valem muito, que enchem os olhos e o coração.

Esse lugar mágico chama-se Mundo de Salácia. Nele vivem milhares de peixes e animais marinhos de diferentes espécies, e também uma variedade desconhecida do povo de Terra Firme, que é o lugar onde vivemos. Eles são os salinos, gente que por fora parece com você e comigo, mas que podem viver e respirar debaixo d'água.

A deusa Salácia dividiu seu mundo em diversos reinos: o Reino dos Tubarões, dos Polvos, das Arraias, e assim por diante. Para cada um ela escolheu um casal de salinos que se tornaram rei e rainha, com a missão de proteger e zelar pelo bem-estar de todas as formas de vida do mar. Eles também deveriam manter a existência do Mundo de Salácia em segredo, pois Terra Firme é repleta de pessoas que poluem os mares e ameaçam os animais.

Muitos casais foram abençoados com a chegada de lindas crianças, príncipes e princesas do mar. Em suas cabeças eles utilizam coroas e adornos que representam os reinos que um dia governarão.

Mas ser herdeiro de um trono não é nada fácil! Polvina, a jovem princesa dos polvos e suas amigas Estér, das estrelas-do-mar, e Tubarina, dos tubarões, sabem disso. Com suas amigas de escola, essas três meninas já passaram por muitas encrencas que deixaram seus pais e sua professora, Márcia, de cabelos em pé.

Essa é uma de suas aventuras mais intensas, repleta de alegrias e risadas, mas também de lágrimas e dor. Foram dias difíceis, com os quais elas aprenderam o valor da amizade e o sentido do adeus. Mas o mais importante é que conseguiram sorrir no final.

E tudo começou num dia como outro qualquer.

1. O PARQUE DO MAR

Tanto em Terra Firme quanto no Mundo de Salácia, tem gente que não consegue ficar quieta. Está sempre correndo para lá e para cá, brincando, praticando algum esporte, dançando, pulando. Parece que é ligada na tomada.

E tem gente que é de um segundo tipo: como a Polvina. O negócio da pequena princesa dos polvos era mais "cabeça". Por influência da mãe, que era professora antes de virar rainha, Polvina adorava ler, escrever e desenhar. Não que a vida fora de seu palácio submarino fosse desinteressante: bastava olhar pela janela e Polvina podia ver baleias, peixes das mais diversas espécies, tartarugas, arraias-jamanta. Mas a verdade é que ela se contentava com seu quarto e pronto.

Já a sua melhor amiga, Estér, era bem diferente. A princesa das estrelas-do-mar era do primeiro tipo. E, para piorar, era só ver gente parada que ela já começava a agitar. Aliás, não precisava nem ver. Só de imaginar, ela corria para o telefone, como fez naquela noite de quarta-feira:

– Alô, Polvina! Polvina! O que você está fazendo? – disse afoita.

– Tô desenhando, Estér. Por quê? – perguntou Polvina, sem tirar os olhos do seu papel.

– Põe no 157!

– Hein?

– O canal 157! Rápido!

– Ah, tá! – respondeu sem muito interesse, mais por educação mesmo.

Polvina ligou a TV, colocou no canal 157 e viu que estava passando uma propaganda:

– Está no comercial... – disse, ao observar um homem vestido de palhaço, com os braços abertos e sorrindo enquanto, atrás de si, peixes dançavam e outros palhaços pulavam.

– É essa propaganda que eu quero que você veja! É a propaganda do...

– ... do mais novo Parque de Diversões do Mundo de Salácia! – berrava o sorridente palhaço. – Venham conhecer o Parque do Mar, que será

inaugurado neste final de semana! Muitas atrações incríveis aguardam vocês, amiguinhos! Nos vemos lá!

– O que é que tem?

– Como o que é que tem, Polvina? É pra lá que nós vamos no próximo final de semana, oras!

– Ah, Estér! Mas vai estar lotado, é a inauguração! E...

– Eba! Que bom que você concordou! Bom, preciso ir dormir, amanhã tem aula! A gente vai com o seu pai, né? Então tá bom! Tchau!

E desligou o telefone. Polvina respirou fundo, fechou os olhos e voltou a desenhar:

– Ai, Estér...

No dia seguinte, Estér estava pontualmente na porta do Palácio dos Polvos. Como moravam perto, os pais das princesas se revezavam na hora de levar as filhas para a escola. Aquele era o dia do pai de Polvina, o Rei Polvo:

– Bom dia, Estér!

– E aí, Polvina, está ansiosa? – perguntou Estér, pouco se importando com o bom-dia da amiga.

– Ansiosa? Pelo quê? Pela aula?

– Não, boba! Pelo nosso final de semana no parque!

– Mas Estér, ainda é quinta-feira!

– Ai, Polvina, mas a gente tem que se preparar, né?

Estér e Polvina foram conversando até a carruagem e sentaram-se no banco traseiro. O Rei Polvo deu a partida e elas continuaram falando:

– Então, Polvina, sabia que lá tem a maior roda-gigante do mar? De lá de cima dá pra ver vários reinos! Será que dá pra ver os nossos castelos?

– É, será? – respondeu Polvina, sem muito interesse.

– E você não sabe! Lá também tem uma montanha-russa que imita o Reino Abissal!

– Como assim?

– Ela fica dentro de uma caverna, você não vê nadinha lá! Deve ser o máximo!

– Ué, mas se você não vê, qual é a graça?

– A graça é imaginar, Polvina... que lá dentro pode ter um monstro, um peixe abissal gigantesco, que o carrinho pode descarrilar a qualquer momento e... bum!

– Credo, Estér! Que bum, o quê! Eu não vou nesse não, tenho medo.

– Tem também um carrossel de cavalos-marinhos.

– Ah, mas isso tem em qualquer parque, Estér.

– Eu sei, mas esse é diferente!

– Por quê?

– Sei lá, no comercial pareceu mais bonito que os outros!

E continuaram falando até chegarem à escola. Aos poucos, Polvina ia se interessando mais pelo tal parque. Alguns brinquedos davam um certo medo só de ouvir Estér falar, como um hotel fantasma onde o espírito de um tubarão assustava os hóspedes. Polvina acabou rindo consigo mesma:

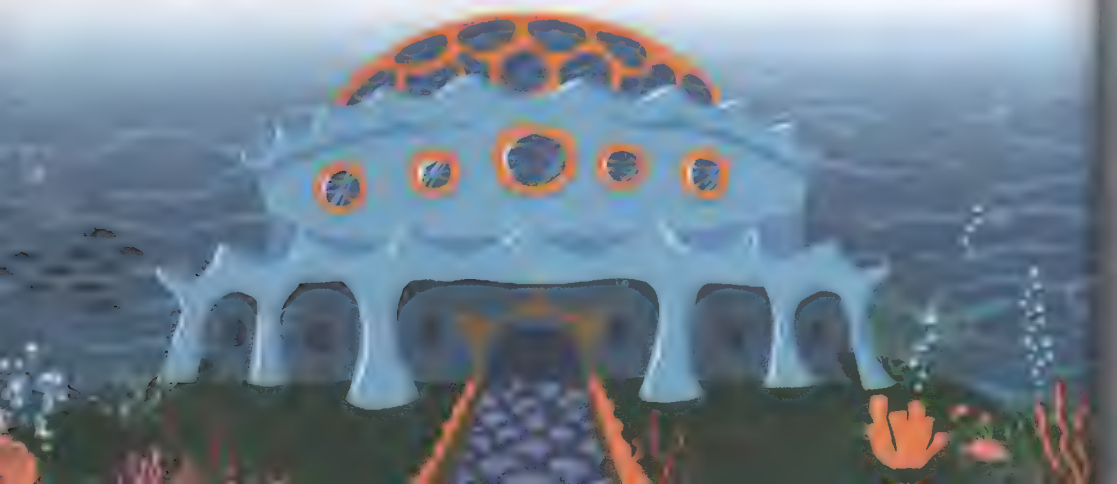
– Não sei por que, mas esse tubarão me lembra a Tubarina, hahaha!

Falando na princesa dos tubarões, ela era bem diferente das amigas. Meio do contra e bem temperamental. Quando ofereciam carona para ir à escola, ela dizia que não queria. Quando não ofereciam, ela ficava emburrada achando que tinham algo contra ela. Era difícil...

Ao chegarem à escola, um belo prédio cercado por um enorme jardim de corais, Polvina e Estér encontraram Tubarina com uma cara não muito boa:

– Vocês, hein? – disse a princesa dos tubarões, toda emburrada.

– O que foi? – perguntou Polvina.



– Nem pra me oferecer carona! Ainda bem que eu vim mais cedo com a minha mãe!

– Oras, mas se você veio mais cedo, como a gente ia te pegar? – resmungou Estér.

– Não interessa, vocês tinham que saber!

– Oras...

E era assim todo dia. Às vezes as três brigavam, mas logo faziam as pazes. O importante é que elas continuavam sempre amigas.

Elas então seguiram juntas para a sala de aula, onde a professora Márcia já as estava esperando. Enquanto os alunos entravam, Estér ouviu a conversa de Lia:

– Você viu? Genial, né, amiga? Eu também quero ir ao Parque do Mar! Mal posso esperar pelo final de semana! – comentou a princesa dos peixes-leão com Soraia, princesa das arraias.

– É, eu também estou louca para ir! – respondeu Soraia.

– Ah, não acredito! Vocês também vão? – já se alegrou Estér. – Nós também, não é Polvina, Tubarina?

– Vamos aonde? – perguntou Tubarina.

– Ao Parque do Mar! – responderam Lia, Soraia e Estér ao mesmo tempo.

– Sei lá! Que seja... – respondeu Tubarina, indo sentar-se. Polvina tentou alegrar a amiga:

– Ah, acho que vai ser legal, Tubarina... pelo menos a gente vai passear juntas! – disse.

– Ué, mas eu já vejo vocês todos os dias... – respondeu Tubarina. Ela realmente não estava num bom dia.

– Whu hu hu, as meninas vão para o parquinho, é? Mas que coisa de criancinhas! – comentou ironicamente Mauriço, um dos poucos meninos da sala.

– Não enche, Mauriço! – resmungaram as meninas.

– Ai, não suporto esse garoto... – disse Tubarina, baixinho.

– Eu ouvi isso, tá? – respondeu Mauriço.

– Era pra ouvir mesmo! – encarou Tubarina, falando ainda mais alto.

– Classe! Vamos sentar, por favor? A aula já vai começar – ordenou a professora Márcia, prestes a dar uma notícia para todos...

2. Uma surpresa para a classe

A professora Márcia geralmente era muito gentil. Sempre atenciosa com os alunos, costumava citar a frase: "Ensinar é mostrar aos outros que eles sabem tanto quanto você"*. Por isso, ela olhava seus alunos nos olhos, e todos os dias tentava aprender algo novo com eles.

Às vezes ela ficava um pouco brava. Gente falando alto, brigando ou discutindo na sala de aula eram os ingredientes certos para tirá-la do sério. Ainda bem que naquele dia ela estava de muito bom humor:

– Tubarina e Mauriço, parem de discutir e vão já para os seus lugares! Tenho uma ótima notícia para dar a todos!

Os dois se encararam mais uma vez e seguiram para suas mesas.

– Qual é a tal notícia, professora? – indagou Estér, toda curiosa.

– Bom... a notícia é que... apesar de algumas pessoas serem um pouco... agressivas com seus colegas – dizia, olhando para Tubarina –, o comportamento geral dessa classe é exemplar. Por isso, a Escola do Mar resolveu dar um presente a vocês: vamos fazer uma excursão para o Parque do Mar no final de semana!

– Então a classe inteira vai! Que demais! – Estér estava radiante.

– Viva! – gritava Lia e as outras meninas.

– Whuhuuu! – gritou Mauriço, aproveitando o embalo e jogando o caderno para o alto, só para poder fazer uma baguncinha.

– Que seja... – disse Tubarina, abrindo o caderno na lição do dia.

– Nossa, Tubarina, o que é que você tem hoje, hein? – perguntou Polvina, preocupada. – Ninguém te fez nada, credo! Você não tá nem um pouco a fim de ir ao parque?

* Richard Bach, escritor de Terra Firme.

– Não, não tô nem um pouco a fim! Também detesto que todo mundo fique falando da mesma coisa o dia inteiro. Na TV e na internet não se fala em outra coisa. E quer apostar? A gente vai ter que ouvir esse papo até o final da semana...

O sábado ainda podia estar longe, mas, sem dúvida, Tubarina estava certa. Aquele seria o assunto até o último minuto da sexta-feira.

Após a aula, o Rei Polvo apareceu para buscar Polvina e Estér. Lembrando-se do ocorrido na entrada, Polvina perguntou:

– Tubarina, você quer vir com a gente? Você pode almoçar lá em casa...

– Até que enfim você se tocou, hein, Polvina? Já tinha esquecido que meu pai não ia poder me buscar hoje? – disse, entrando na carruagem.

– Ué, você não falou nada!

– Mas você devia saber!

Então as três seguiram para o Palácio dos Polvos, onde muitas vezes passavam a tarde juntas, estudando. O percurso era rápido, nem quinze minutos. Mas adivinha qual foi o assunto...

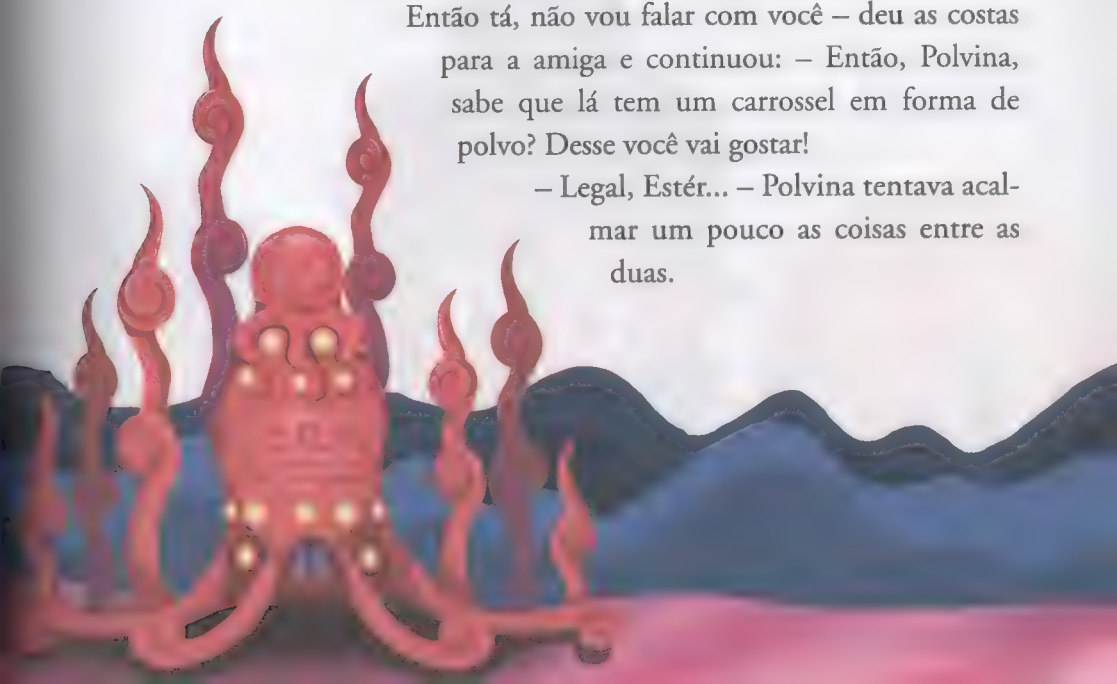
Já no Castelo dos Polvos, as meninas foram almoçar. Tudo ia bem até que Estér voltou a descrever, com detalhes, todos os brinquedos do parque.

– Ai, Estér, não agüento mais ouvir você falar desse Parque do Mar! – resmungou Tubarina, batendo com o garfo em seu prato.

– O que é que tem, Tubarina? Só tô comentando, credo...

Então tá, não vou falar com você – deu as costas para a amiga e continuou: – Então, Polvina, sabe que lá tem um carrossel em forma de polvo? Desse você vai gostar!

– Legal, Estér... – Polvina tentava acalmar um pouco as coisas entre as duas.



– Ah, já acabei – disse Tubarina, levantando-se rapidamente. – Vou ver televisão!

– Eu, hein? Ela tá muito chatinha hoje! – disse Estér.

– Mas também, Estér... você podia variar um pouco o assunto, né? Só fica falando nesse tal Parque do Mar...

– É porque lá deve ser legal, oras. Não tem nada de mal a gente falar do que gosta.

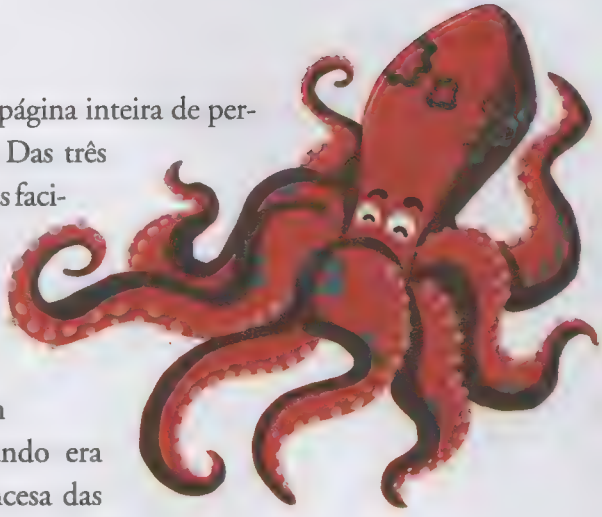
– Sim, mas nem todo mundo é obrigado a gostar do mesmo assunto que a gente, né? Mas deixa, vamos lá ver televisão com ela.

Então as meninas foram para a sala assistir à TV. Pena que o comercial do Parque do Mar passava a cada cinco minutos. Imediatamente Tubarina mudava de canal, só para descobrir que os outros também estavam passando a mesma coisa. É, quando a TV quer te mostrar algo, não tem como escapar, nem debaixo d'água...

– A gente tem lição, né? – perguntou Tubarina, entediada.

– Tem – respondeu Polvina, estranhando a pergunta da amiga.

– Então vamos fazer antes que eu fique louca!



E foram fazer o dever de casa: uma página inteira de perguntas sobre os animais marinhos. Das três princesas, Polvina era a que tinha mais facilidade com os deveres, e acabava sempre ajudando as amigas.

Na hora de fazer lição, Estér vivia se distraindo. Parecia viver em outro mundo. Tubarina também se distraía bastante, mas seu mundo era muito mais fechado que o da princesa das estrelas-do-mar.

– Polvina, essa aqui você deve saber. Qual é a diferença entre o polvo e a lula?

– Ah, um não tem nada a ver com o outro. Os polvos têm oito tentáculos, as lulas têm dez. A cabeça dos polvos é maior e mais arredondada, a das lulas é mais comprida e pontiaguda. Eles são bem diferentes, tanto que as lulas têm seu próprio reino! A minha prima Luísa mora lá.

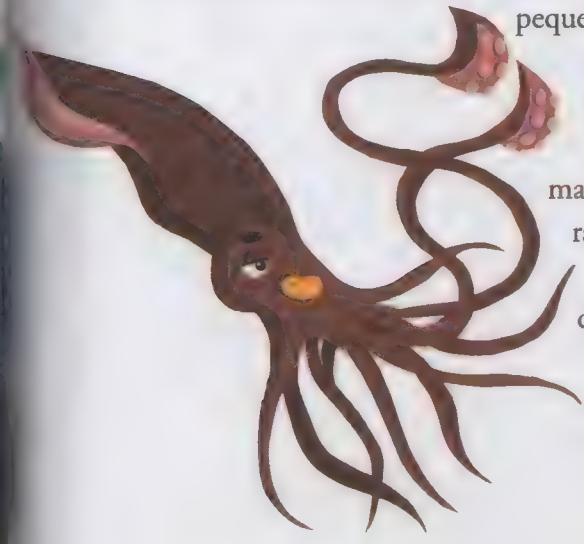
– Parecem a mesma coisa pra mim... – disse Tubarina, enquanto anotava a resposta.

Estér leu a próxima pergunta:

– O que comem as arraias-jamanta?

Foi a vez de Tubarina responder:

– O mesmo que o tubarão-baleia: plâncton, microalgas, *krill*... coisas bem pequenas.



– Só? – perguntou Estér.

– Só!

– Nossa, com a boca daquele tamanho... dava pra comer um restaurante inteiro!

Tubarina riu com o comentário de Estér, o que era bem raro de ver.

– A boca do tubarão-baleia é grande porque ele a usa para filtrar a água e engolir o plâncton, entendeu? – a

princesa dos tubarões explicou, novamente de bom humor.

– É como diz o ditado: em boca fechada não entra plâncton, hahaha! – disse Estér, rindo da própria piada.

As três meninas começaram a rir. Ao observar Estér e Tubarina finalmente se divertindo juntas, Polvina imaginou que o resto da semana seria mais agradável. Será?...

3. O SONHO ACABOU

Quem não gosta de dormir? De tirar um cochilinho após o almoço, de dormir até tarde nas férias... O sono é sempre uma delícia! O problema é quando ele não vem. Você vira de um lado para o outro, olha pra cima, fecha os olhos, e nada. Isso geralmente acontece quando a gente está ansioso.

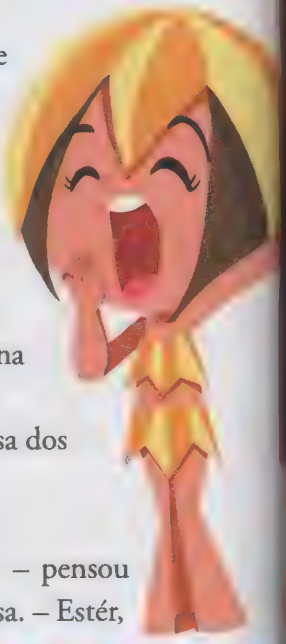
De tanto ouvir Estér falar no Parque do Mar, Polvina também não via a hora de conhecê-lo. Já estava com tudo pronto para o passeio, ainda que faltasse mais de um dia. Em sua mochilinha em formato de polvo havia preparado tudo: um agasalho vermelho com listras brancas ao longo das mangas, uma câmera fotográfica digital, um lanchinho (barra de cereais, um bolinho e um suco) e uma muda de roupas.

Na escuridão do quarto, a luz que vinha do mar iluminava levemente a penteadeira cor-de-rosa com um suave brilho ondulado. A mochila estava lá, em cima da cadeira, prontinha para o passeio. De tanto olhar para ela, Polvina finalmente dormiu.

Em seu sonho, ela corria pelo Parque do Mar, onde estavam todas as suas amigas e muitas outras crianças. Tudo era igualzinho ao que Estér tinha falado: a maior roda-gigante do mar, a montanha-russa dentro da caverna, o hotel fantasma, o carrossel em forma de polvo. Tudo muito bonito e colorido, e todos se divertiam. Ela então perguntou:

– Está gostando, Estér?

A amiga não respondeu. Polvina olhou para o lado e percebeu que se perdera das amigas. Ela se pôs a correr pelas ruas do parque, então o tempo começou a ficar nublado e, de repente, tudo virou noite. E nada de Estér e Tubarina.



Todo mundo estranhou aquela escuridão. Alguns ficaram olhando para cima assustados, outros resolveram fingir que nada estava acontecendo e brincar mais um pouco. E, lá na frente, longe de todos, estavam Estér e Tubarina discutindo:

– Eu vou na montanha-russa primeiro! – disse a princesa dos tubarões.

– Não, eu é que vou! – retrucou a das estrelas-do-mar.

– Eu não acredito que elas estão brigando até aqui... – pensou Polvina, enquanto o dia mais claro virava a noite mais densa. – Estér,

Tubarina! Querem parar com isso? Vocês não sabem que somos amigas? Pra que ficar brigando desse jeito?

Elas não responderam. Apenas olharam para Polvina e tudo ficou ainda mais escuro.

Então foi como se tivessem mudado de canal na cabeça de Polvina. Ela começou a sonhar outra coisa, que não tinha nada a ver, depois o sonho "desligou" e ela não se lembraria de mais nada até o dia seguinte.

Enquanto Polvina sonhava, Estér ainda estava acordada em seu quarto. Também sem conseguir dormir, ela olhava para o teto e tentava imaginar todos aqueles brinquedos aparecendo na sua frente na escuridão. E olha que dava certo. Com um pensamento surgia a roda-gigante, cheinha de luzes e com uma música alegre ao fundo. Estér ria, como se já estivesse lá no parque. De certa forma ela já estava. Ela ficava apontando o dedo para cima e girando, como se pudesse fazer a roda-gigante girar junto. De tanto fazer isso acabou dormindo com um sorrisão nos lábios.

E Tubarina, o que estaria fazendo àquela hora da noite? Ela não havia arrumado a mochila, deixara tudo para a última hora. Também não estava tentando ver a roda-gigante na escuridão do seu quarto. Muito menos estava sonhando com o parque. Mas ela foi a última a pegar no sono aquela noite, o que a fez acordar de péssimo humor no dia seguinte.

Aquele era o dia do pai de Estér levar as meninas para a escola. Polvina foi até o Palácio das Estrelas-do-Mar, onde encontrou a amiga com olheiras e bocejando:

– Nossa, Estér, que cara de sono!

– Você também! Não dormiu direito, é?

– Não... Queria que hoje chegasse logo! E ainda temos que esperar até amanhã, né?

– É, mas vai valer a pena, você vai ver! – apostava Estér.

Então elas seguiram para a escola. Resolveram passar na casa de Tubarina para ver se ela iria querer carona, só para descobrir que o pai dela já a havia levado. Sempre do contra...

Elas chegaram à escola cinco minutos antes de a aula começar, como sempre. No pátio, encontraram a amiga com uma cara ainda menos amigável que de costume:

– Oi, Tubarina! – cumprimentou Polvina. – A gente passou na sua casa mas...

– Que seja – desconversou a princesa. Seu humor já não era bom de manhã, com sono então...

– E aí, Tubarina, e o nosso passeio no... – Estér começou a perguntar, mas...

– Olha, Estér, me faz um favor? Eu não quero ouvir mais uma palavra sequer sobre esse Parque do Mar até amanhã cedo, tá? Já não agüento mais! Chega! – respondeu, quase aos berros.

Estér olhou para Tubarina. Por uns dois segundos as duas ficaram se olhando. Sem dizer uma palavra, Estér deu as costas e andou calmamente até a sala de aula.

– Estér... – tentou chamar Polvina, mas ela conhecia bem a amiga. Essa era a maneira de ela dizer que estava chateada. Simplesmente

saía andando. – Você, hein, Tubarina? Não precisava ser grossa desse jeito.

– E ela não precisava ficar falando nesse negócio logo de manhã! Vai bater o sinal, vamos para a sala.

Minutos depois a aula começou, e ficou aquele clima esquisito. Na primeira carteira estava Tubarina, com a cara amarrada. Logo atrás dela, estava Polvina, e então Estér, quietinha.

– Ai ai, essas duas... – pensou Polvina. Foi então que ela se lembrou do sonho que tivera na noite anterior. Não estava tudo exatamente igual, mas de certa forma Polvina sabia que isso iria acontecer. Tubarina estava uma pilha de nervos, e Estér também não estava colaborando muito...

A professora Márcia já ia começar a aula quando deu falta de um aluno:

– Cadê o Mauriço? Ele não veio com você, Sirilo? – perguntou para o príncipe dos siris.

– Não veio, não, professora. Está atrasado!

Eis que surge o dito-cujo na porta da sala:

– Tô nada! Olha eu aqui, "fessora"! – disse, em tom irônico.

A classe toda riu do tom de deboche do menino.

– Por que você está atrasado, Mauriço? – perguntou a professora.

– Sabe o que é, "fessora"... no caminho para a escola eu encontrei um tubarão "irado" e ele não queria me deixar passar, daí eu tive que dar uma lição nele... hehehe!

– Você o quê? – perguntou Tubarina, irritada.

– Ai, até parece! – disse Estér.

– Se você realmente encontrasse um tubarão que não fosse com a sua cara, não ia sobrar muito para contar a história, tá? – disse Tubarina, em voz alta.

– Crianças, acalmem-se! – pediu a professora.

– Ah, é, Tubarina, mas e aquela história que você vive dizendo, que os tubarões são pacíficos, hein? – provocou Éster, querendo se vingar da agressão anterior.

– Pacíficos? Só se "covarde" mudou de nome, hahaha! Vocês precisavam ver a cara de medo daquele tubarão! – Mauriço também não dava trégua.

– Medo de você? Um menino? Nem um camarão tem medo de você!

– Ei! – Camarina, a princesa dos camarões, se manifestou.

– Gente... – Polvina tentava acalmar os ânimos.

– Crianças?! – gritou a professora, e bateu o apagador na mesa. Quando isso acontecia...

– Eu odeio que falem mal dos tubarões!

– Ninguém tá falando mal. Dizer que eles são agressivos é praticamente um elogio! – respondeu Estér.

– Hahaha, essa foi boa! – riu Mauriço.

– Ora seu... moleque! – e o caderno de Tubarina voou em direção à cabeça do príncipe dos ouriços.

– Ai! Doeu, sua... – ele avançou para cima de Tubarina, mas congelou no ar ao ouvir o apagador bater fortemente na mesa e a professora dizer...

– MAURIÇO! TUBARINA! ESTÉR! Vocês três estão de castigo! Ninguém vai ao parque amanhã, e vocês vão ter que passar o sábado inteiro na escola!

A classe inteira silenciou.

4. VOLTANDO PARA CASA

O resto da aula foi horrível. Estér chorou, fez escândalo e se fez de vítima:

– Mas professora, não é justo, a gente queria tanto ir... por favor!

– Não é não, Estér! Vocês têm que aprender a conviver pacificamente. Senão, imaginem o que vai ser quando vocês forem adultos e governarem o nosso mundo!

– Ainda vai demorar pra gente ser adulto! Eu não quero ser adulta, eu quero ir ao parque! Buaaá!

E abriu o berreiro. Polvina tentou consolá-la, mas a professora estava bem firme em sua posição e não se deixou abalar.

Na frente de Polvina estava Tubarina, que ficou calada até o final da aula. Não dava para saber direito o que ela estava sentindo, mas não devia ser muito bom, pois Polvina pensou ter visto uma lágrima escorrer do olho da amiga. No entanto, não tinha certeza.

Lá no fundo da classe, Polvina viu Mauriço. Ele fez que nem era com ele. Ficou na sua. Dizia para quem quisesse ouvir:

– Grande coisa. Eu nem queria ir, mesmo!

Depois de tanta confusão, a classe acabou nem tocando mais no assunto, e a aula seguiu em frente, com aquele clima para lá de ruim.

No final da manhã o sinal bateu e a aula terminou. Polvina e Estér saíram da sala, seguidas meio de longe por Tubarina, que continuava quietinha.

O Rei Estrela-do-Mar já estava na porta da escola, esperando as princesas:

– Nossa, filha, que cara é essa? – perguntou ele, preocupado. A filha abriu o berreiro de novo:

– Buaaaá! Papai, a professora me proibiu de ir ao parque amanhã por causa da Tubarina e do Mauriço!

– Mas o que aconteceu, filha?

– A gente discutiu na classe...

– E foi sério?

– Não! Foi!

– Foi ou não foi?

– Não foi!

– Foi sim, tio Estrela-do-Mar... – disse Polvina, olhando para baixo.

– Polvina! – choramingou Estér. – Fala com a professora, papai...

– Eu não posso, Estér! Se a professora Márcia decidiu, não tem rei no Mundo de Salácia que a faça mudar de opinião. Sinto muito! Agora vamos para casa... lá a gente conversa melhor. Onde está a Tubarina?

– O que é que tem a Tubarina?

– Ela vai com a gente, vocês três vão ficar lá em casa hoje. Eu falei com o pai dela antes de vir e ele disse que não poderia vir buscá-la.

– Mas pai!

– Estér! – disse o Rei, em tom reprovador.

– Olha ela lá, tio Estrela-do-Mar! – Polvina apontou para um canto do pátio.

Tubarina estava sentada, esperando impaciente.

– Tubarina! Vem! – chamou Polvina. – Seu pai não vem te buscar hoje, ele mandou você vir com a gente!

A princesa dos tubarões estava de cabeça baixa e não se moveu por alguns segundos, apenas levantou os olhos na direção da voz de Polvina. Olhou para Estér, para o Rei e para a amiga. Sem dizer uma palavra, seguiu até a carruagem e entrou.

Como de costume, sentaram nessa ordem: Estér, Polvina e Tubarina. Mas ao contrário do habitual, não disseram nada até chegar ao Castelo das Estrelas-do-Mar, onde passariam a tarde.

Polvina olhava para os dois lados e via as amigas: Estér, com cara de choro, e Tubarina, distraída, vendo os peixes nadando próximos à janela. Seu pensamento parecia estar em outro lugar. Arraias, garoupas e peixes-papagaio não lhe causavam a menor reação.

Ela nem reparou quando, lá longe, passou uma tartaruga preta.

Pretinha, pretinha.

5. A Revelação de Tubarina

No Mundo de Salácia é difícil ficar comparando as coisas. O que é mais bonito, o que é mais feio... por via das dúvidas, é melhor não comparar nada, pois cada coisa e cada pessoa tem sua beleza própria.

O Castelo das Estrelas-do-Mar era um exemplo disso. Ele tinha uma forma diferente: era uma enorme torre azul com uma estrela amarela em seu topo. Dizem que lá de cima se tem uma das mais belas vistas do mar. Por isso, os quartos da família real ficavam bem no topo da torre. Para chegar aos cômodos era necessário subir uma enorme escadaria circular, ou então pegar um elevador.

Foi o que Estér fez assim que chegaram lá. Correu para o elevador, não deixou ninguém entrar, nem seu pai, e subiu.

– Estér... você não vai comer? – perguntou o Rei Estrela-do-Mar.

– Não! Não tô com fome! – berrou, enquanto a porta do elevador se fechava.

Lá dentro tinha um grande espelho. Estér se olhou. Ela estava arrasada. O percurso até seu quarto não levava nem vinte segundos, mas deu tempo de a princesa sentar e chorar. Quando a porta se abriu, ela correu para o quarto e se trancou.

Lá embaixo, o Rei Estrela-do-Mar disse:

– Meninas... vão almoçar. Depois eu falo com ela. Agora preciso sair, tenho um compromisso importante no Reino das Tartarugas.

– Tá bom, tio – respondeu Polvina.

– Tá, que seja – Tubarina deu de ombros.

Elas foram até a mesa, onde o almoço já estava

servido. Havia salada, bolinhos, lasanha e suco. O mordomo Airton veio servir as meninas:

– Olá princesa Polvina, princesa Tubarina. Onde está a princesa Estér?

– Tá lá em cima, Airton. Acho que ela não vai comer.

– Ela está chateada com alguma coisa? – perguntou o mordomo, enquanto colocava salada no prato de Polvina.

– Está sim... amanhã ela não vai mais ao parque, está de castigo... – respondeu Polvina.

– Coitada... ela estava louca para ir – continuou Airton, agora servindo Tubarina.

– Ei, você sabe que eu não gosto de salada! – resmungou a princesa.

– Claro que sei, você fala isso toda vez – respondeu o mordomo, em tom de deboche.

– Salada é gostoso, Tubarina – dizia Polvina, pegando uma folha de alga com o garfo.

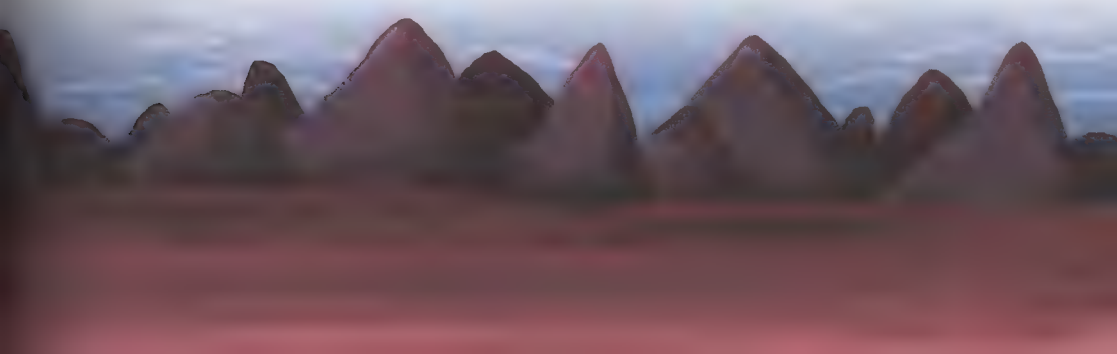
– Não é não! – resmungou mais ainda, o que fez Airton colocar mais umas folhinhas em seu prato.

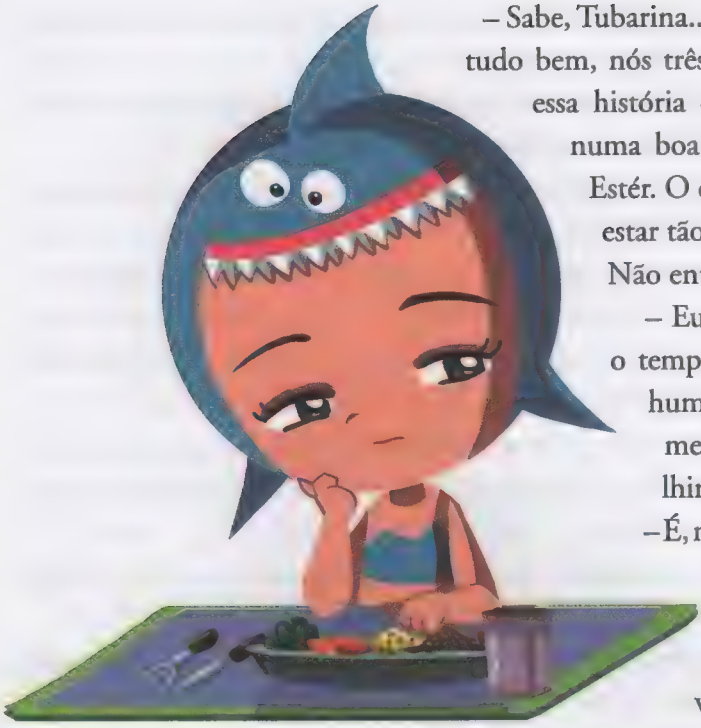
– Bom apetite, meninas. Quando vocês acabarem a salada eu sirvo a lasanha. Com licença, vou levar o prato da Estér lá em cima.

O mordomo fez o prato e subiu. As meninas ficaram um tempo em silêncio. Polvina pegava com gosto aquelas folhinhas verdes, já Tubarina só ficava mexendo o garfo no fundo do prato, empurrando os alimentos de um lado para o outro.

– Come, Tubarina, tá gostoso.

– Até parece.





– Sabe, Tubarina... ontem à tarde estava tudo bem, nós três tínhamos esquecido essa história do parque e ficamos numa boa rindo das piadas da Estér. O que foi que te deu pra estar tão mal-humorada hoje? Não entendo...

– Eu não preciso ser igual o tempo todo. Tava de mau humor, ué. – disse, finalmente pegando uma folhinha de alga.

– É, mas também não precisava descontar tudo em cima da Estér, né? Tudo bem que você não estava a fim de ir ao parque, mas...

Então Tubarina levantou o tom de voz, quase gritando:

– Você acha mesmo que eu não queria ir ao parque?

– Hein?

– É LÓGICO que eu queria ir, sua tonta! Desde que eu vi a propaganda na televisão! Eu estava doidinha para ver o tal hotel com o tubarão fantasma! Eu nem dormi essa noite! Fiquei só pensando!

– Eu não... eu não sabia, Tubarina! Mas você ficava dizendo que não queria ir...

– Olha, eu queria, tá? Era o que eu mais queria! Só que agora... – aquela lágrima que Polvina achou ter visto na classe voltou a aparecer – agora eu estraguei tudo! – Tubarina bateu com a mão na mesa e saiu apressada.

– Tubarina... – disse Polvina, enquanto a amiga se afastava.

– Que barulho foi esse? Onde está Tubarina? – perguntou Airton, voltando do quarto de Estér.

Enquanto Polvina explicava o que havia acontecido, seu pai e o Rei

Estrela-do-Mar chegavam ao Palácio das Tartarugas, onde foram convocados para uma reunião urgente.

– Rainha Tartaruga, viemos assim que soubemos – cumprimentou o Rei Polvo.

– Polvo, Estrela-do-Mar... por favor, me acompanhem até a enfermaria real. Talvez vocês possam nos ajudar – disse a rainha, aflita.

Ao chegar à enfermaria, os reis se aproximaram de uma sala protegida por um vidro. Lá, vários médicos e enfermeiros estavam em volta de um paciente.

– Talvez seja um caso isolado. Ainda não recebemos informes dos outros reinos, mas vocês por acaso já viram algo parecido? – apontava a Rainha Tartaruga para a sala de cirurgia.

O Rei Polvo olhou e ficou assustado:

– Pela Deusa... o que é isso em volta da tartaruga? Ela está toda coberta por uma substância... preta!

– Não sabemos ainda... estamos tentando remover, mas ela é muito pegajosa. A tartaruga parece ter engolido também. Talvez não sobreviva.

– Dona Judite? – uma voz de criança foi ouvida.

– Hein?

Tata, a princesa das tartarugas, acabava de entrar correndo na enfermaria.

– Mamãe, o que a dona Judite tem? O que é isso nela? Fala! – dizia, aflita.

– Filhinha... nós não sabemos... por favor, vá para o seu quarto e... – a rainha tentava impedir a filha de ver aquela cena, mas a princesa insistiu.

– Não! Eu vou ficar aqui até a dona Judite ficar boa! Ela é minha amiga... ela é minha amiga! – e as lágrimas de Tata começaram a escorrer.

6. Polvina tem uma idéia

A situação no Castelo das Estrelas-do-Mar estava bem difícil. Estér ficou trancada no quarto, Tubarina no banheiro e Polvina ficou na sala, sem saber o que fazer.

Numa das paredes havia um mural repleto de fotos e lembranças. Polvina caminhou na direção dele e viu uma de suas fotos favoritas: as três princesas abraçadas e sorrindo, inclusive Tubarina, o que era bem raro.

– Ah, Tubarina... – pensou. – Você é tão legal! Pena que as pessoas não percebam isso.

Polvina lembrou-se de quando se conheceram. Foi naquele primeiro dia de aula. Tubarina havia chegado à escola com sua carruagem em forma de tubarão e, sem querer, assustara Polvina. Isso foi o bastante para as duas já não se gostarem muito e fazer com que uma imaginasse a outra de um jeito diferente.

Aquele dia foi tão tenso que as duas chegaram a brigar e foram parar na diretoria. Quem as viu naquela ocasião jamais imaginaria que se tornariam tão amigas. Felizmente, elas aprenderam que não dá para julgar as pessoas pela impressão do primeiro encontro.

Do primeiro encontro com Estér Polvina nem se lembrava mais, pois era muito pequena. Olhando para a foto da amiga, que carinhosamente a chamava de "prima", ela então se lembrou de vários momentos especiais que tinham passado juntas.

Elas já haviam viajado por todo o Mundo de Salácia, visitado vários reinos e lugares diferentes, e até deram uma espiadinha em Terra Firme. Todos esses

momentos eram muito especiais, mas enquanto Polvina tentava ter uma lembrança gostosa da amiga, sabe o que lhe vinha à mente? Aquela festa no Castelo dos Polvos. Havia convidados de vários reinos, música e muita comida. Mas Polvina, a bem dizer, estava achando aquilo tudo muito chato. Estér também, pois elas eram as únicas crianças presentes.

Polvina estava com um vestidinho novo, vermelho, toda bonitinha e elegante. Quando as pessoas a viam faziam comentários sobre como o vestido era lindo, perguntavam quem o tinha feito e quem a havia vestido daquele jeito. Isso deixava a princesa morrendo de vergonha...

A mesma coisa acontecia com Estér, que recebia melhor os elogios, mas depois de um tempo enjoou. Elas foram até o jardim do palácio, onde havia bem menos gente para comentar sobre suas roupas.

Foi então que, no meio dos corais, algo chamou a atenção das duas. Era uma pequena fenda no solo, entre as pedras, soltando bolhas de ar que iam rapidamente para a superfície.

Polvina sentou-se na frente das bolhas e ficou olhando por um tempo. Depois acabou se deitando e amassando todo o vestido vermelho. Ela pôs a mão um pouco acima da fenda, olhando as bolhas se acumularem embaixo de seus dedos.

– Olha que legal, Estér! – mostrava ela, antes de virar levemente a palma da mão e fazer com que as bolhas seguissem seu caminho.

– Que legal! Deixa eu tentar?

Estér fez a mesma coisa, mas em vez de virar a palma da mão para libertar as

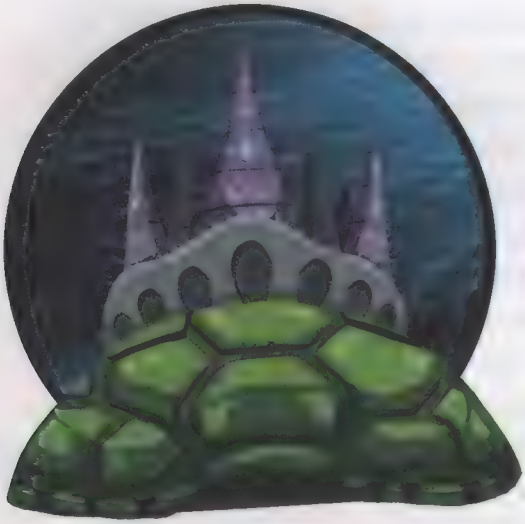
bolhas, ela abria um pouco os dedos. E a bolha maior se dividia em bolhas menores para fugir para a superfície.

Elas ficaram a tarde inteira assim, deitadas no jardim de corais, conversando, se perguntando de onde as bolhas vinham e para onde iam com tanta pressa. A noite chegou, a festa acabou, e elas não estavam nem aí.

– Tubarina e Estér são tão diferentes – pensou Polvina. Mas o que ela poderia fazer? Já havia conversado com uma. Depois com a outra. E nada.

Bom, ainda havia uma coisa para tentar, mas ela teria que esperar até o dia seguinte.

Enquanto isso, no Reino das Tartarugas, o estado de dona Judite havia piorado...



7. De castigo

"Eu não vou mais ao parque!", foi a frase dita por Polvina e Tata no dia seguinte, na frente da escola, para a professora Márcia.

– Ué, mas o que deu em vocês duas? – perguntou a professora.

– Você queria tanto ir, Tata... – comentou Vivi, princesa das águas-vivas.

– Eu sei, gente. Mas eu não posso. A dona Judite, minha amiga tartaruga, está doente e eu vou ficar com ela lá no meu palácio. Só vim mesmo para avisar. Tá bom, tia Márcia?

– Claro, Tata. É muito nobre de sua parte. Vamos todos torcer para que a dona Judite se recupere, não é, gente?

– E você, Polvina? Por que não vai mais? – perguntou Juli, irmã de Mari e princesa dos peixes-palhaço.

– Porque... eu queria ir com a Estér e a Tubarina... como elas não vão mais, não vai ter a mesma graça pra mim.

– O quê? – exclamaram todos, inclusive as duas princesas de castigo.

– Não, Polvina... vai sim, não tem nada a ver! – disse Estér.

– Que seja. Depois não quero ouvir reclamação de ninguém! – resmungou Tubarina.

– Polvina... eu não posso liberar as duas e o Mauriço do castigo.

– Eu sei disso, professora. Não estou pedindo nada. Só estou falando que vou ficar aqui com as minhas amigas.

– De castigo? – perguntou Márcia, admirada.

– Ficar com as suas melhores amigas não é castigo, mesmo que seja... um castigo! – respondeu Polvina, com um sorriso no rosto.

– Tudo bem, então. Você pode ficar. No final do dia volto aqui para buscar vocês. Senhor Lorenzo...

– Sim, professora! – disse um tubarão, saindo de trás do portão. O engraçado é que ele falava fluentemente o salinês, a língua dos salinos, algo muito raro para um animal.

– Esses quatro: Polvina, Tubarina, Estér e Mauriço vão passar o dia aqui hoje. O senhor pode se assegurar de que eles não vão destruir a escola até eu voltar?

– Claro, professora! Vamos, crianças! Vamos entrar!

– Você já conhecia esse tubarão? – perguntou Polvina a Tubarina.

– Nunca vi. Ele é meio esquisito, né?

O senhor Lorenzo então disse algo em seu idioma, que ali só Tubarina entendia.

– O que ele falou? – perguntou Polvina.

– Ele disse: "Estou ouvindo, Tubarina!".

– Nossa, ele escuta bem mesmo!

– Hahaha – riu Mauriço.

– Cala a boca, moleque! – praguejava Tubarina.

Em seu canto, Estér estava quietinha, quietinha. Ela passou pelo portão, triste, observando o ônibus partir, pensando em tudo o que ela *não* iria fazer naquele dia.

O que ninguém ali imaginava é que a aventura estava apenas começando.

8. Doña Judite trae más noticias

Tata voltou correndo para o Palácio das Tartarugas, onde ouviu finalmente uma boa notícia de sua mãe:

– Tata, parece que a dona Judite já está fora de perigo. Conseguiram tirar aquela sujeira dela, está dormindo agora e...

– Ah, mãe... que alívio! – a princesa e a rainha se abraçaram.

Minutos depois, o médico da dona Judite apareceu e chamou a rainha.

– Majestade, a dona Judite acordou... e parece que quer lhe falar.

– Obrigada, Doutor. Eu vou lá agora mesmo.

– Eu também vou!

– Tata, acho melhor você...

– Não, eu vou! Dá licença! – e correu para a enfermaria.

Dona Judite estava deitada, parecia estar bem melhor do que no dia anterior, mas ainda abatida. Com dificuldade, esboçou um sorriso ao ver Tata.

– Dona Judite... que bom que a senhora está bem!

A princesa abraçou a tartaruga.

– Tata – disse dona Judite, no idioma das tartarugas –, onde está sua mãe? Preciso falar algo muito importante para ela...

– Estou aqui, dona Judite. Por favor, descanse, seu estado ainda inspira cuidados.

– Não... não há tempo! – disse a tartaruga, aflita.

– O que foi? O que quer me dizer?

– Todo o Mundo de Salácia está em perigo... o que aconteceu comigo... aconteceu a muitos outros!

– O quê? – todos ficaram assustados com a declaração de dona Judite, que começou a contar sua história.

– Ontem, eu estava voltando de Terra Firme, onde fui botar meus ovos... quando, de repente, ouvi um barulho terrível, seguido de uma onda de calor e um cheiro insuportável. Fiquei assustada e fugi, mas logo atrás de mim veio um líquido preto... eu nadava a toda velocidade, enquanto outros animais não tiveram tanta sorte. Sardinhas, barracudas e muitos outros logo se viram presos naquele estranho líquido!

– Como os outros reinos não receberam nenhum aviso? Será que só a senhora escapou? – a rainha temia o pior.

– Eu não sei, Majestade. Tive muita dificuldade para fugir e chegar até o palácio. A mancha avançava rapidamente. Eu temo que...

Nesse exato instante eles foram interrompidos pelo Rei Tartaruga.

– Querida... precisamos ir! Há uma emergência que ameaça todos os reinos! O céu acaba de ficar negro e centenas de animais inocentes estão aparecendo no mesmo estado que a dona Judite!

9. Um tubarão diferente

Enquanto isso, na escola, as crianças seguiam o senhor Lorenzo pelos corredores até a sala de aula.

– Que cara é essa, Estér? – perguntou Polvina, mesmo sabendo a resposta: Estér estava imaginando onde o ônibus da excursão estaria agora.

– Nada, prima. Deixa pra lá.

– Não fique assim, Estér! – disse o senhor Lorenzo, sorrindo, sem nem olhar para trás. – Nosso dia vai ser muito divertido também!

– Esse tubarão é muito esquisito pro meu gosto... – sussurrou Tubarina no ouvido de Polvina. – Eu nunca ouvi falar dele antes.

– Mas eu já ouvi falar de você, Tubarina! Aliás, sou muito amigo de seu pai – ele continuava sorrindo e nadando em direção à classe.

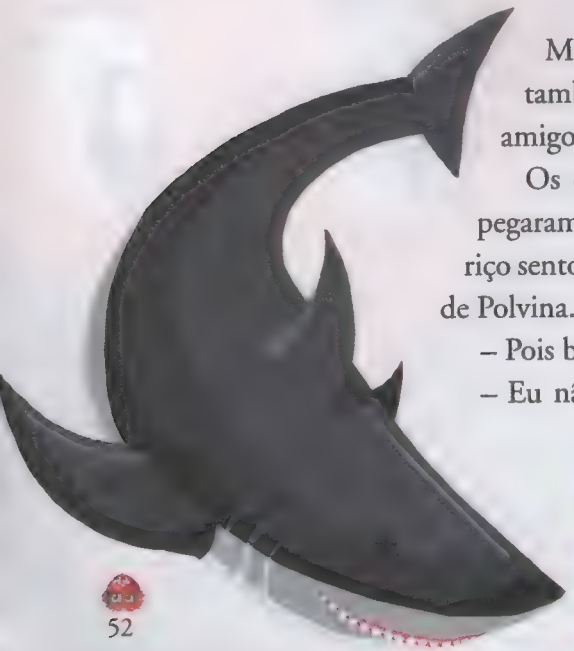
– Como ele escuta? – sussurrou de novo, agora brava.

– É que com essa voz feia não tem como não ouvir, hahaha! – riu Mauriço.

– Cala a boca, seu moleque! – retrucou Tubarina.

– Bom, crianças, chegamos à classe. Vamos nos sentar? – convidou o senhor Lorenzo.

Como a sala estava vazia, as meninas escolheram lugares diferentes do habitual para sentar. Tubarina foi para um canto no fundo, sozinha. Polvina e Estér ficaram juntas lá na frente, na fileira central da sala. Só Mauriço se manteve no seu lugar de sempre: no fundão da sala. Então o senhor Lorenzo, em frente da lousa, perguntou:



– Por que estão todos tão separados? Mauriço, venha aqui para a frente. Você também, Tubarina. Vamos, aqui todos são amigos.

Os dois se entreolharam. A contragosto, pegaram o material e foram para a frente. Mauriço sentou-se ao lado de Estér, e Tubarina perto de Polvina.

– Pois bem, crianças... não é melhor assim?

– Eu não acho. Antes só do que mal acompanhada... – disse Tubarina, de braços cruzados.

– Tubarina, não começa... – pediu Polvina, baixinho.

– Eu que o diga! – respondeu Estér.

– Antes só do que com um bando de... meninas! – disse Mauriço. Aquilo não estava começando bem...

– Crianças, silêncio, por favor – o senhor Lorenzo parecia ser bem mais calmo que a professora Márcia. – Eu trouxe um livro para ler para vocês com uma história bem legal.

Com cuidado ele se virou, foi até o armário e tirou um livro de lá com os dentes.

– Vocês sabem, nós tubarões não somos muito bons com as nadadeiras. Fazemos tudo com a boca, por isso muita gente acha que queremos sair comendo tudo o que vemos pela frente. O que não é verdade.

Com um pouco de dificuldade, o senhor Lorenzo colocou o livro sobre uma das nadadeiras enquanto passava a outra sobre as páginas. À medida que lia, ele nadava de lá para cá, pois os tubarões precisam estar em constante movimento para poder respirar. A cena deixou Tubarina ainda mais tensa:

– Ai, esse tubarão indo para lá e para cá já está me dando nos nervos! – pensou.

Então, o tubarão continuou:

– Este livro é muito interessante. Acho que vocês vão gostar. Ah, eu adoro este capítulo, he, he, he. Ele fala de como a menina de Terra Firme levantou um tubarão com as próprias mãos. Por que é que os tubarões sempre são retratados como vilões? Alguém sabe responder?

As crianças não pareciam muito interessadas na história.

– Eu não sei o que eu tô fazendo aqui, viu... – resmungou Mauriço.

– Você tá de castigo – respondeu Tubarina.

– É. Por causa dela – completou Estér.

– Dele! E sua também! – Tubarina apontou o dedo para Mauriço e Éster.

Polvina estava no meio daquela discussão e já não agüentava mais tantas brigas.

– Vocês estão aqui porque são burras, tá? – Mauriço já veio atacando.

– Ah, é? E você é o que então? – Tubarina já se preparava para brigar quando alguém gritou:

– CHEGA!

Todos se calaram. Inclusive o senhor Lorenzo.

– Puxa vida, gente! Que falta de respeito! O senhor Lorenzo veio aqui hoje, sábado, para ficar com a gente na escola por causa do nosso castigo... digo, do SEU castigo, e ele ainda é obrigado a passar por isso?! Vocês deviam respeitá-lo, porque além de mais velho ele também é cego!

– Ele é o quê? – as crianças não entenderam.

– He, he, he. Você é muito esperta, Polvina. Parece que só você percebeu. Nem todo mundo percebe hoje em dia... – riu o senhor Lorenzo.

– Como assim, Polvina? Percebeu o quê? – perguntou Estér, olhando para o tubarão meio desconfiada.

– Vocês não repararam como ele escuta bem? Como mesmo de costas ele sabia quem de nós estava falando, e o quê? Como ele fala fluentemente o salinês? Como ele leu o livro tocando as páginas com as nadadeiras?

– Nossa... – Estér ficou impressionada. – Você é sabida mesmo, Polvina!

– Vocês também teriam percebido, mas estavam ocupados demais brigando, não acham? Agora, podemos conversar? – disse o senhor Lorenzo.

– Como é que você enxerga? – perguntou Mauriço, curioso.

– Eu não enxergo!

– Mas como você sabia que eu tava sentado no fundo?

– Pelo cheiro, pelo calor e pela eletricidade do seu corpo. Mesmo que eu enxergasse eu não precisaria olhar. Nós, tubarões, temos os sentidos muito aguçados.

– É verdade – respondeu Tubarina. Como princesa dos tubarões, ela sabia que eles têm um sexto sentido que lhes permite sentir a presença de outros animais pela eletricidade do corpo.

– Ah, é? Então se você é tão bom assim, o que eu estou fazendo agora? – disse Mauriço.

– Está levantando da cadeira. Pode sentar-se de novo.

– Pronto, sentei. E agora?

– Você não sentou e está indo em direção à porta.

– Droga! – Mauriço voltou para a cadeira.

As crianças riram. O senhor Lorenzo realmente era muito esperto. Mas por mais que seus sentidos fossem aguçados, algumas coisas ele não poderia saber...

– Gente, o que aconteceu? – perguntou Polvina, assustada.

– Hein? – o tubarão não entendeu. – O que há de errado, Polvina?

– Ficou escuro de repente! Nossa, parece noite!

As crianças foram até a janela e descreveram o que viram para o senhor Lorenzo:

– Que coisa estranha... há alguns minutos estava tudo claro, mas agora está escuro... o que será que está acontecendo?

– Eba, eu vou lá fora investigar! – disse Mauriço, antes de sair correndo.

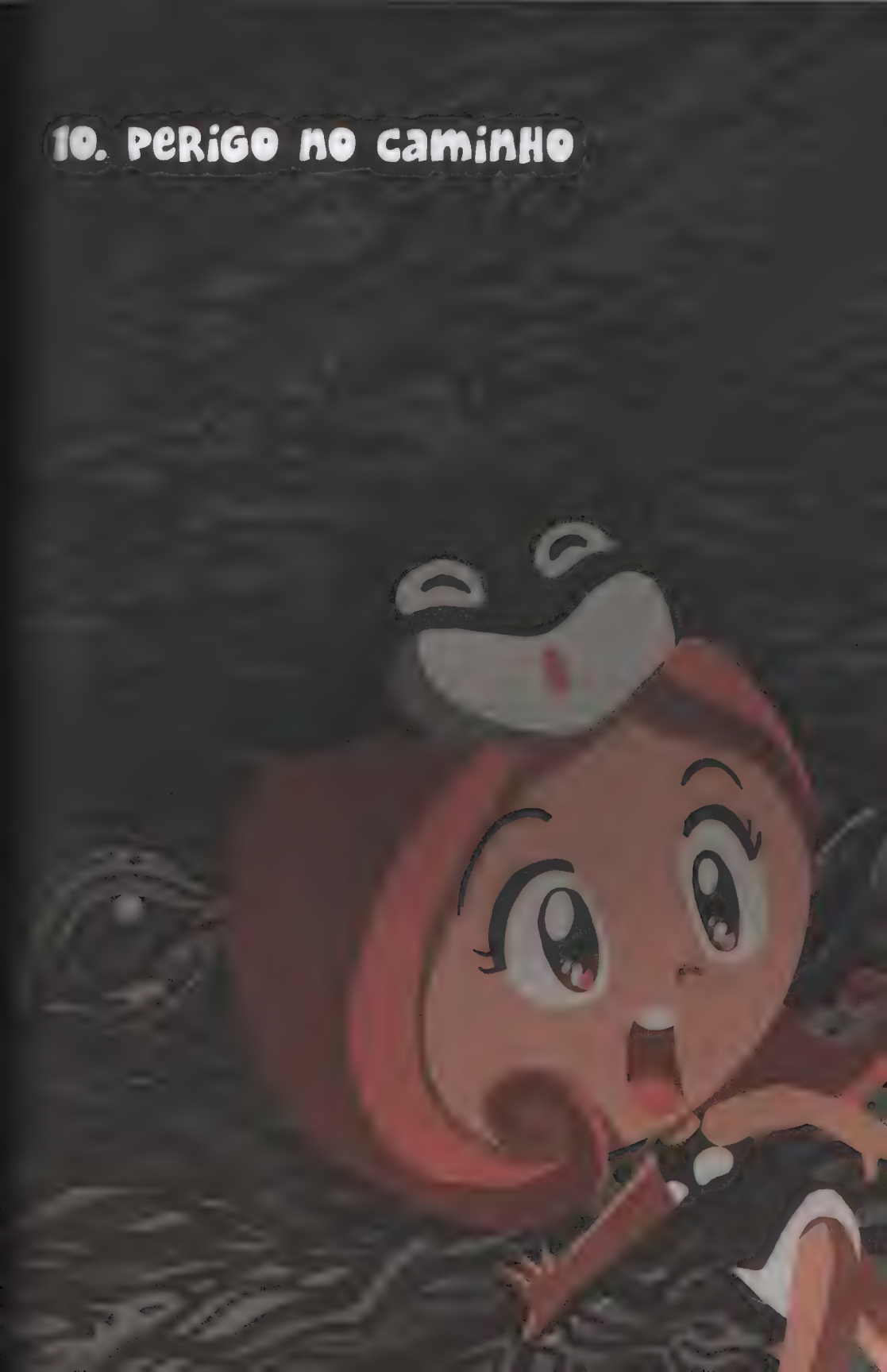
– Eu também vou! – Estér não podia ficar de fora de uma novidade.

– Estér, espera! Pode ser perigoso! – Polvina foi logo atrás da amiga, deixando Tubarina e o senhor Lorenzo para trás.

– Ai ai... vai ser um longo dia... – disse o tubarão.

– Nem me fale... – respondeu Tubarina.

10. PERIGO NO CAMINHO



No ônibus para o parque, Lia, a princesa dos peixes-leão, olhou para fora da janela e estranhou:

– Nossa, gente! Como tá escuro, vocês viram?

– É, parece noite! – concordou Vivi.

A professora Márcia estava achando tudo aquilo muito estranho, e começava a ter dúvidas quanto ao passeio quando recebeu um telefonema no seu celular:

– Alô?

– Alô! É a professora Márcia? Aqui é o Rei Tartaruga. A excursão está cancelada!

– O quê? A excursão está cancelada? – repetiu em voz alta.

– O quê? – gritaram as crianças.

– Aaaaahh! – os gritos viraram resmungos e alguns até choravam.

– Crianças, por favor! Silêncio! Eu estou tentando falar com o...

Tudo já estava bem confuso quando todos ouviram um grito vindo do lado de fora.

– Que medo! O que é isso? – disse Lia, assustada.

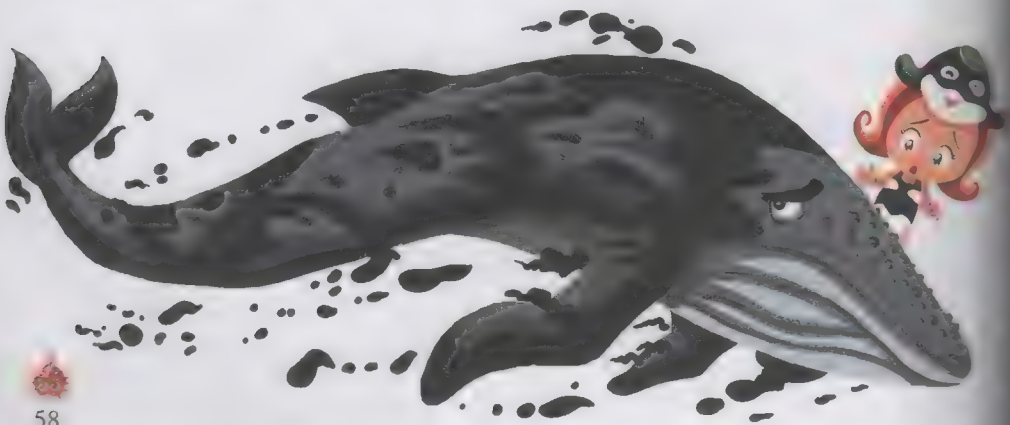
– Calma, crianças! Alô, Rei Tartaruga? O que está acontecendo?

A professora não conseguiu ouvir a resposta. Mesmo estando escuro, deu para todos verem passar, muito perto do ônibus, uma coisa que parecia ser um enorme monstro negro.

– Aaaaaaaaaahh! – nem a professora agüentou.

O monstro parecia berrar palavras incompreensíveis a todos, exceto para Léia, princesa das baleias:

– Calma, pessoal! Escutem! Não é um monstro, é uma baleia, e ela... ela está pedindo ajuda!



O ônibus parou, Léia correu para fora e se aproximou da pobre baleia, que mal conseguìa se mover. Estava quase irreconhecível, completamente coberta com o tal líquido preto, igualzinho ao da dona Judite.

– O que aconteceu? – perguntou em seu idioma.

– Socorro, princesa... muitos outros... perigo!

Antes que Léia pudesse perceber, dezenas de outros animais marinhos apareceram em estado igual ou pior que o da baleia.

– Professora... o que nós vamos fazer? – desesperou-se.

– Tenho que levar esses animais para um lugar seguro! E vocês, crianças, também!

– Mas nós queremos ajudar! – disseram.

– Por favor, prestem atenção! Eu acabei de falar com o Rei Tartaruga e a situação não é brincadeira! Léia, não toque na baleia, esse líquido é venenoso e por todo o Mundo de Salácia muitos animais estão aparecendo nesse estado. Precisamos voltar imediatamente! Entrem no ônibus, a ajuda está a caminho!

– Não, não podemos! Temos que ajudar os animais! – disseram. Fazer com que saíssem de lá seria impossível, pois rapidamente todo tipo de seres marinhos começou a aparecer, contaminados pelo líquido negro, pedindo a ajuda das crianças.

– Crianças, obedeçam a professora! – uma poderosa voz foi ouvida. Era o Rei Tubarão, que metia medo até num feroz tubarão branco. Ele chegou numa espécie de ambulância, seguida por muitas outras.

– Rei Tubarão! O que vamos fazer? – perguntou a professora.

– Os médicos levarão os animais para o hospital, onde eles serão tratados. A senhora deve levar as crianças de volta a seus palácios. A situação é gravíssima! Nós vamos ativar a camuflagem!

– O quê?? A camuflagem? – exclamou a professora. Fazia anos que ela não ouvia uma declaração tão drástica.

A camuflagem era um sistema usado apenas em casos de emergência. Todos os palácios e construções dos reinos eram cobertos por uma espécie de disfarce, tornando-os praticamente invisíveis. Tal recurso era utilizado quando alguém de Terra Firme conseguia chegar próximo demais dos castelos, o que era bem raro, dada a profundidade. A única desvantagem era que o sistema consumia muita energia, deixando as construções sem luz nem comunicação com o mundo exterior.

– Sim! Há relatos de mais animais aparecendo feridos e de homens de Terra Firme capturando-os! Eles estão seguindo alguns desses animais e podem chegar até aqui a qualquer momento! Onde está minha filha? – o Rei Tubarão estava quase berrando.

– Está na escola, de castigo, lembra-se?

– Droga! Não temos tempo para ir buscá-la, precisamos levar as outras crianças – a frieza do Rei era digna de sua fama de grande general.

Pelo telefone, ele deu uma ordem:

– Atenção! Já estou com as crianças! Começar a operação camuflagem! O primeiro lugar será a Escola do Mar!

Do outro lado da linha, dentro de uma sala cheia de equipamentos avançadíssimos, um soldado respondeu prontamente, enquanto apertava um botão vermelho:

– Sim, senhor! Ativar camuflagem da escola!

A professora Márcia ficou aflita:

– Há outras crianças lá! Polvina, Estér e Mauriço! Com a camuflagem ativada, eles não poderão sair!

O Rei Tubarão então disse:

– Professora, não se preocupe! Com a camuflagem, a Escola é um dos lugares mais seguros onde as crianças poderão ficar. Com sorte vamos resolver essa crise antes de elas perceberem. Além do mais, quem eu lhe indiquei para tomar conta da escola?

– O senhor Lorenzo... eu sei, Rei Tubarão. Eu confio nele, mas será que...

– Não temos tempo para conversa, professora Márcia! Vamos, precisamos levar as crianças daqui! Crianças, vamos...

O Rei Tubarão não terminou a sua frase. Todas as crianças já haviam se espalhado, perguntando para os médicos e enfermeiros: "O que eu faço?", "Por favor, ajude meu amigo!"...

– Ora, o que elas pensam que estão fazendo? Isso é um trabalho para adultos! Professora, contenha a sua classe!

– É impossível, Rei Tubarão! – respondeu a professora, olhando o empenho de seus alunos em ajudar os animais doentes.

– Como assim?

– A primeira coisa que lhes ensinei foi sobre as Leis de Salácia. Não se esqueça de que elas aprenderam a cuidar de seu próprio reino e do de seus semelhantes. Elas só estão fazendo o que lhes foi ensinado.

– Ajudem meu amigo Pingo! – gritou Isa, próxima de um pingüim todo coberto de negro, que mergulhara até lá para pedir ajuda.

Vendo aquela cena, o Rei Tubarão acabou mudando de idéia.

– Muito bem, crianças! Se vocês querem ajudar, vamos fazer do jeito certo! – gritava ele, de forma quase agressiva. – Todos em fila aqui na minha frente, agora!

As crianças responderam prontamente. A professora pensou: "Nossa, que bom seria se na aula elas fossem assim!".

– Agora, professora Márcia, por favor, pegue na ambulância as luvas e as roupas de proteção! Ninguém deve tocar nos animais sem essas roupas! Crianças, vocês vão ajudar os médicos e enfermeiros! Façam tudo o que eles mandarem! Aqueles que souberem se comunicar com os animais,

tentem acalmá-los! Léia, chame algumas baleias jubarte para ajudar no transporte! Podemos precisar!

– Sim, senhor! – respondeu a pequena princesa.

– Vivi! Você é a princesa das águas-vivas. Eletropaula, você das enguias-elétricas! Convoquem os seus animais, vamos precisar de energia no hospital, pois ele estará camuflado!

– Sim, senhor! – as duas saíram prontamente para chamar seus amigos.

– Rei Tubarão, eu também posso chamar as arraias! – disse Soraia. – Com suas nadadeiras, elas poderiam remover uma parte do líquido negro para longe dos animais.

– Ótima idéia, Soraia! Faça isso!

– Eu posso chamar os camarões! – disse Camarina.

– Sinto muito, menina, mas seus amiguinhos pouco podem fazer nessa hora! – respondeu o Rei, rispidamente.

– Não é verdade! Eles podem ajudar a limpar os peixes menores enquanto não chegamos ao hospital.

O Rei Tubarão se surpreendeu com a pronta resposta da princesa dos camarões e acabou concordando. E então cada um começou a ajudar como podia, para facilitar o trabalho dos médicos e fazer com que os animais chegassem mais rápido ao hospital.

Enquanto isso, mergulhadores de Terra Firme se aproximavam rapidamente dos reinos. Já pensando nessa possibilidade, o Rei Tubarão havia convocado os mais terríveis tubarões brancos para defender o Mundo de Salácia...

11. a vida do senhor lorenzo

Na escola, Tubarina e o senhor Lorenzo haviam saído da sala à procura de Polvina, Estér e Mauriço.

– Eles devem estar no pátio – disse Tubarina.

– Não, não estão. Estão parados na porta. Parece que ela está trancada... estranho, eu a deixei aberta – ele sabia a localização exata deles mesmo estando a muitos metros de distância.

– Você é mesmo incrível... – disse Tubarina, enquanto caminhavam. – Ei, de onde você conhece meu pai?

– Somos amigos há tempos... sabe, ele ajudou muito na minha adaptação depois que perdi a visão.

– Sério? Você enxergava antes?

– Ô! E muito bem, por sinal.

– Sei. E como você ficou cego?

– Eu ainda era jovem... estava sozinho nadando em alto-mar quando, de repente, vi um homem de Terra Firme. Como eu já conhecia a fama deles, resolvi dar meia-volta, mas ele veio atrás de mim... Com uma arma estranha, ele atirou e atingiu meu olho direito de raspão... eu fiquei cego desse olho na

hora. Felizmente consegui fugir antes que o pior acontecesse, mas logo o ferimento também atingiu o olho esquerdo e acabei perdendo totalmente a visão.

Tubarina se revoltou com a história:

– Que absurdo! A gente precisa fazer alguma coisa com esses caras de Terra Firme de uma vez por todas! Se um dia eles se atreverem a vir até o meu reino, a primeira coisa que eu vou fazer vai ser mandar os tubarões brancos darem um jeito neles!

– He, he, he... seu pai disse a mesma coisa na época. Ele não gosta nem um pouco do povo de Terra Firme. Bom, como eu ia dizendo, fui procurar ajuda no Palácio dos Tubarões, e o Rei me ajudou muito.

– Ah, é? O que ele fez? – Tubarina tinha muito orgulho de seu pai.

– Enquanto todos ficaram com pena de mim... seu pai foi bem diferente. Ele me tratou como se eu fosse um tubarão como outro qualquer, e você sabe o que isso quer dizer, não é?

– Sei, eu conheço a fama do meu pai...

– É. Ele foi exigente comigo e disse que só me ajudaria se eu me ajudasse também. Que não teria pena de mim só porque eu havia perdido a visão. Então, como o grande general que é, ele me treinou... me ensinou a confiar em mim mesmo e a desenvolver meus outros sentidos. Me ensinou a falar salinês e me arranjou trabalho na Escola.

– Puxa... eu não sabia disso. Meu pai é demais, não é?

– É sim. Muita gente acha que seu pai é um homem cruel, mas eu consegui ver por trás do jeitão bravo dele e sei que ele é um grande homem.

– É verdade. Pouca gente sabe como o papai é... Ei, olha eles lá, bem onde você falou.

Alguns metros à frente avistaram Polvina, Estér e Mauriço. Eles tentavam abrir a porta para o pátio que, aparentemente, estava trancada.

– O que aconteceu? Quem trancou a gente aqui dentro? – indagou Mauriço.

– Não sei... é muito estranho, eu havia deixado a porta aberta. O que vocês vêem lá fora, crianças?

Polvina olhou pelo vidro da porta e descreveu a cena:

– Está escuro como a noite, senhor Lorenzo. Eu tô com medo...

– Lá, lá, lá, a Polvina tá com medo! – riu Mauriço.

– Ai, eu vou bater nesse moleque! – Tubarina estava se segurando.

– Crianças, acalmem-se! Precisamos saber o que está acontecendo. Tubarina, ligue daquele orelhão para a professora Márcia. O telefone é esse aqui.

– Eu não gosto de falar ao telefone. Fala você, Polvina.

– Deixa que eu ligo! – Estér foi até o telefone.

O que ninguém ali sabia era que enquanto a camuflagem da escola era ativada, a energia elétrica e os telefones eram cortados.

– Tá mudo.

– Estranho... será que... espere. Estou sentindo alguma coisa se aproximando da escola – disse o senhor Lorenzo. – Estranho, parece... impossível, não podem ter chegado até aqui...

Mauriço olhou pelo vidro e não deixou o velho tubarão concluir sua frase:

– Tem um mergulhador de Terra Firme lá fora!

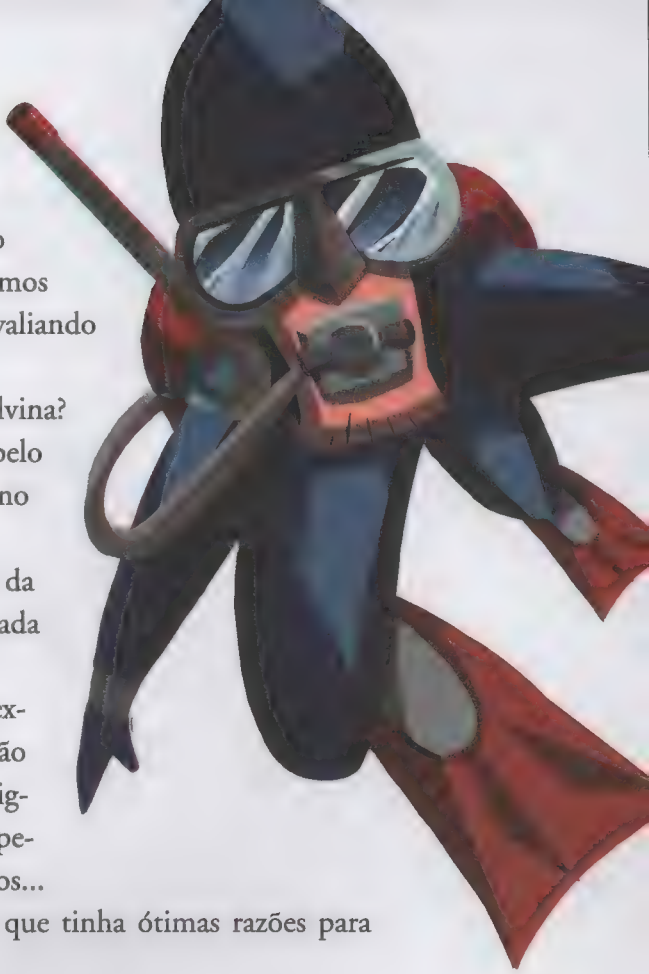
– Aaaaahhh!! – Estér e Polvina gritaram de medo. Rapidamente foram silenciadas por Tubarina e Mauriço, mas já era tarde. O mergulhador havia escutado e virou-se na direção do som.

– Ele tá vindo pra cá! Ele tá vindo pra cá! – sussurrou Mauriço.

– Rápido, escondam-se! – ordenou o senhor Lorenzo.

O mergulhador se aproximou rapidamente, meio confuso. Com a camuflagem, tudo o que via do lado de fora eram corais e pedras. Ainda assim, aquele som havia chamado sua atenção. Ele nadou até a porta, olhou, olhou e não viu nada. Virou-se e foi embora.

– Que estranho! Será que ele é cego também? – perguntou Estér, indiscretamente.



– Eu acho que sei o que aconteceu. A camuflagem da escola deve estar ativada! Ele não pode nos ver enquanto estivermos aqui dentro! – concluiu Polvina, avaliando a situação.

– Como você sabe disso, Polvina? – perguntou Tubarina, olhando pelo vidro, não acreditando muito no que tinha ouvido.

– Meu pai me falou uma vez da camuflagem. Disse que ela só é usada em casos de emergência.

– Exatamente, Polvina. Isso explica o porquê de o telefone não estar funcionando. Mas também significa que estamos presos aqui. Espero que ao menos estejamos seguros... – respondeu o senhor Lorenzo, que tinha ótimas razões para temer mergulhadores.

Protegidas pela camuflagem, as quatro crianças continuaram olhando o mergulhador pelo vidro do portão, enquanto o tubarão prestava atenção aos seus sentidos.

– O que será que ele tá fazendo aqui? Como ele achou a escola? – indagou Estér.

– Coisa boa é que não é! – respondeu Tubarina. – Ei, olhem! O que é aquilo?

Ela apontou para o que parecia ser um peixe de tamanho médio nadando vagarosamente, como se estivesse doente... coberto de preto.

– É um filhote de tubarão! – exclamou o senhor Lorenzo. – Ele está pedindo ajuda!

– O cara está chegando perto dele... com uma rede! Senhor Lorenzo, precisamos fazer alguma coisa!

O senhor Lorenzo estava tão aflito quanto Tubarina. E com as mãos igual-

mente atadas... pelo menos era o que ele pensava.

– Calma, Tubarina! Não podemos nos expor! Precisamos pensar numa maneira de ajudar o tubarãozinho e...

CRÁS! Foi o barulhão que se ouviu quando Tubarina jogou uma cadeira contra o vidro da janela. Naquela parte, a camuflagem havia sido desativada, e ela nadou para fora.

12. De cara com o mergulhador

– Tubarina, sua louca! – gritou Polvina, enquanto puxava a amiga de volta para a escola. Mauriço e Estér também ajudaram.

– Me soltem! Me soltem! Não vou deixar ele pegar aquele tubarãozinho! Senhor Lorenzo... – Tubarina se debatia violentamente enquanto era puxada de volta.

Mas o barulho da cadeira estourando o vidro foi alto o bastante para o mergulhador ouvir. Sem a camuflagem na área da janela, ele veria as crianças facilmente se não fosse pelo...

– Senhor Lorenzo! – Polvina se desesperou ao ver o tubarão sair pelo buraco da janela, abrindo sua poderosa mandíbula.

– Crianças, eu vou distraí-lo! Vocês pegam o tubarãozinho!

Ele avançou rapidamente em direção ao mergulhador, numa cena que meteria medo em qualquer um. O senhor Lorenzo não pretendia machucá-lo... a menos que fosse necessário.

– Vamos, vamos! – chamou Tubarina.

As crianças nadaram rapidamente para fora, para perto do tubarãozinho.

– Vem aqui, vem... eca! – Tubarina o tocou, sujando todo o seu corpo. – O que aconteceu com você? Como você se chama?

– Eu sou Felipe! Está cheio desse líquido lá em cima... muitos animais estão doentes, foi o povo de Terra Firme quem jogou... agora eles estão vindo atrás de nós! – respondeu o pequeno tubarão, chorando. – Há dezenas de outros mergulhadores que...

O tubarãozinho não pôde terminar sua frase. Polvina não perdeu tempo, arrancou algumas algas do jardim e as grudou nele:

– Vamos forrá-lo, rápido! Essa meleca pode ser venenosa! Estér, Mauriço, ajudem a gente aqui.

– Certo! – respondeu Estér prontamente, arrancando mais algas do chão.

O tubarãozinho ainda queria falar:

– É, então, como eu ia dizendo, os mergulhadores...

– Mauriço! – chamou Tubarina. O príncipe dos ouriços ia nadando em direção ao tubarão.

– Eu vou ajudar o senhor Lorenzo!

Tubarina o puxou pela perna antes que ele fizesse besteira:

– Tá maluco, moleque? Nós não podemos nos expor!

– Ah, é? E não foi você quem jogou a cadeira?

– É isso mesmo, Tubarina! Você quase fez ele ver a gente! – resmungou Estér.

– O que você queria, que ele capturasse o Felipe?

– Gente... eu posso falar? – dizia o tubarãozinho na língua dos tubarões. Mesmo que Tubarina não fosse a única capaz de entender, não adiantaria nada, pois eles não escutavam um ao outro até que, pela segunda vez no dia, Polvina deu um fim à discussão:

– Pessoal, por favor, chega! Não é hora de brigarmos! Se a gente quer salvar o tubarãozinho, nós todos temos que nos unir e levá-lo lá pra dentro antes que o mergulhador nos veja! – ela arrancou mais algumas algas do chão e empurrou-as contra o peito de Mauriço. – Toma! Ajude a cobri-lo! Tubarina, acalme-se! E, Estér, pára de cismar com a Tubarina que ela não tá te fazendo nada!

– Mas foi por causa dela que...

– Eu sei, mas nada disso interessa agora! Nós somos princesas do mar e...

– Aham! – Mauriço fez cara feia.

– E príncipe também! Não é maneira de agirmos! O senhor Lorenzo está se arriscando pra que a gente possa salvar esse tubarãozinho, e não podemos desapontá-lo! Chega de brigas, certo?

Os três olharam para baixo e acabaram concordando.

– Certo.

– Ótimo! Então vamos logo!

– E eu posso falar agora? – perguntou Felipe a Tubarina.

– O que foi? – respondeu a princesa no idioma dos tubarões.

– Então, o mergulhador não veio me caçar. Ele veio ajudar.

– O quê????

– O que ele disse, Tubarina? – perguntou Polvina.

Felipe disse mais algumas palavras, prontamente traduzidas por Tubarina, espantada:

– Ele disse que a carga de um navio de Terra Firme vazou no mar e fez com que a mancha se espalhasse. Desde que o acidente aconteceu, eles estão tentando limpar a água e tratar os animais atingidos!

– Mas por que os reis não foram avisados?

– Porque os animais ainda não puderam retornar... Eles só serão libertados depois que a mancha for contida definitivamente. O tubarãozinho estava em tratamento lá em cima, mas um acidente fez com que ele caísse novamente na água. O mergulhador estava vindo resgatá-lo!

– Ai, ai, ai... precisamos avisar o senhor Lorenzo!

A alguns metros dali, o tubarão cego estava cara a cara com o mergulhador. Seus sentidos lhe diziam exatamente a posição de seu oponente.

Enquanto se lembrava do incidente que lhe tirou a visão, ele pensou que seria muito fácil partir o homem ao meio. Uma parte dele queria vingança.

Mas havia algo de diferente naquele mergulhador.

– Estranho... por que ele não reage? – pensou o senhor Lorenzo.

Ele o rodeou a nado várias vezes, afastando-o da escola.

Desde que havia perdido a visão, ele havia aprendido a sentir vários cheiros. O cheiro da alegria, da tristeza, do medo... e não era esse cheiro que ele sentia agora.

Então o senhor Lorenzo se aproximou ainda mais do mergulhador, fazendo-o recuar para trás de um coral.

– O que ele tá fazendo? – perguntou Tubarina.

– Acho que ele vai devorar o cara. Vai ver ele não quer que a gente veja a cena! – disse Mauriço.

– Não podemos deixar isso acontecer! – disse Polvina – Vamos até lá e...

Então, de trás do coral, apenas um dos dois saiu.

Era o senhor Lorenzo, que voltou até onde as crianças estavam e perguntou a Felipe:

– Ele não veio te caçar, veio?

– Não... ele veio ajudar! Há outros como ele também.

– Mas... mas... como você sabe? – Tubarina ainda não estava convencida da história.

– Tubarina... lembre-se da nossa conversa. Muitas vezes precisamos ver as pessoas com outros olhos. Aquele homem não ameaçou me atacar em nenhum momento porque ele também não me viu como uma ameaça. Ele não trouxe nenhuma arma. Eu senti nele o cheiro da culpa. Está aqui para ajudar o tubarãozinho.

– Eu acho que é verdade! – continuou Polvina. – Se ele estivesse aqui com más intenções, provavelmente teria atacado o senhor Lorenzo! Nós já vimos um ataque dos homens de Terra Firme... e eles não costumam ser sutis, não!

– Nós não temos como tratá-lo aqui. Se há alguma esperança naquele homem de Terra Firme, nós temos que agarrá-la – respondeu o senhor Lorenzo na língua dos tubarões.

Tubarina estava abraçada a Felipe e até havia se sujado com o líquido negro.

– Você tá dizendo que vai entregá-lo pros caras que te deixaram cego?

– Estou dizendo que não é só pelos olhos que se vê.

Ainda reticente, ela passou Felipe para o senhor Lorenzo.

– Se acontecer alguma coisa com ele... – ameaçou a princesa.

– Eu serei o primeiro a tomar uma atitude – respondeu o tubarão. – Vou acompanhá-lo até a superfície.

– Tá, e o que a gente faz aqui? – perguntou Tubarina.

O senhor Lorenzo pensou um pouco e acabou se lembrando de um detalhe.

– Por Salácia! Ainda há o que fazer! Precisamos avisar os outros reinos da real situação! Se o Rei Tubarão souber que há homens de Terra Firme aqui...

– Ele vai mandar os tubarões devorá-los! Não podemos deixar isso acontecer! – Polvina já havia entendido.

– Que seja! – disse Tubarina.

– Que seja nada, Tubarina! Eles estão aqui para ajudar, não merecem ser devorados!

– Mas se tiver mais como ele lá fora, eles poderão nos ver! Não podemos nos expor, lembrem-se das Leis de Salácia! – disse Estér.

– Ai... e agora?

– Crianças, eu confio em vocês. Como princesas...

– Aham.

– E príncipe do mar, sei que tomarão a decisão certa. Agora preciso me apressar, vou levar o Felipe. Vocês têm uma guerra a impedir!

Rapidamente, o senhor Lorenzo guiou Felipe até atrás do coral, onde o mergulhador ainda esperava. Sem nem mesmo saber como era seu rosto, ele entregou a vida do tubarãozinho em suas mãos.

Os três nadaram em direção à superfície, deixando as princesas... e o príncipe do mar para trás.

13. À PROCURA DO REI TUBARÃO

O lugar onde as ambulâncias haviam parado estava muito tumultuado. Vários animais apareciam cobertos com o líquido negro e não havia como ajudar a todos.

O Rei Tubarão falou com um de seus soldados salinos pelo telefone:

– A situação aqui está grave! Não param de chegar animais doentes e o hospital já está lotado! E o meu exército de tubarões?

O soldado falava de um campo aberto a quilômetros dali, onde dezenas de tubarões aguardavam a ordem de seu rei.

– Está pronto, Rei Tubarão. Ao menor sinal de invasão, os tubarões irão atacar.

– Ótimo! Fique alerta! – o Rei olhou para cima e viu aquela enorme nuvem negra que cobria o céu. – Por muitos anos os homens de Terra Firme poluíram os mares. No que depender de mim, essa será a última vez!

Havia algo em seu olhar. Algo frio, intenso. Aquilo assustou até a professora Márcia, que nunca teve medo de encarar o Rei Tubarão.

– O que vamos fazer agora? Não temos como ajudar a todos! O hospital e os palácios já estão lotados e não param de chegar animais.

– A senhora acredita na Deusa Salácia, não é, professora?

– Claro!

– Então reze!

Ainda na escola, as crianças traçavam um plano de fuga.

– Precisamos sair daqui e ir até o Reino dos Tubarões sem sermos vistos – disse Polvina.

– É, mas acontece que é longe! Precisamos ir até um castelo mais próximo e ligar de lá! Quem mora mais perto da escola? – perguntou Tubarina.

– Eu! – disse Mauriço. – A nado dá uns quinze minutos.

– Será que a gente arrisca? – disse Estér.

– Não adianta – interrompeu Polvina. – Se a camuflagem está ativada, nenhum castelo tem luz nem telefone. Não podemos ligar. Temos que ir até o Castelo dos Tubarões falar com o Rei pessoalmente.

– Ai, ai... certo! Agora precisamos dar um jeito de não sermos vistos caso haja mais mergulhadores por aí!

– E agora? – perguntou Polvina. – Alguém tem alguma idéia?

– A inteligente aqui é você! – disse Mauriço.

Polvina começou a pensar e se lembrou de seus amigos polvos.

– Ei, já sei! Podemos fazer como os polvos e nos esconder debaixo da areia!

– É verdade, Polvina! As estrelas-do-mar fazem isso! As arraias também! – disse Estér.

– Podemos nos cobrir com panos...tapetes, por exemplo... e ir imitando as arraias! – disse Mauriço.

– Ótima idéia, Mauriço! Então vamos agir depressa, cada um pega um tapete na sala de ginástica. Eles são quase do nosso tamanho! – respondeu Polvina.

Os quatro fizeram um belo trabalho em equipe: pegaram os tapetes e os recortaram em formato redondo, semelhante às arraias. Usando o resto do líquido grudado no corpo

de Tubarina, colaram areia sobre os tapetes, fazendo com que ficassem quase invisíveis no chão.

– Está perfeito! Se a gente nadar bem rente ao solo, ninguém vai nos ver! – disse Polvina, colocando seu "disfarce" sobre as costas. – Agora vamos! Para o Palácio dos Tubarões!

As crianças deixaram a escola, nadando quase grudadas ao chão. Dessa forma, se aparecesse algum mergulhador, elas poderiam se esconder rapidamente. O plano parecia perfeito, exceto por um detalhe:

– Espera! E se o Rei não estiver lá? – perguntou Estér.

– Droga! É mesmo! Não adianta nós quatro irmos pra lá se ele não estiver.

– E, com essa crise toda, talvez ele nem esteja mesmo... – disse Tubarina. – Vamos ter que nos dividir então. Tubarina, você e Estér vão até a sua casa procurar pelo seu pai. Eu e o Mauriço vamos atrás da professora Márcia, ela deve estar no parque com as outras crianças – Estér e Tubarina se olharam. Naquela altura, não havia mais tempo para rancores.

– Certo! – respondeu Tubarina, apressando-se.

– Se é que a excursão não foi cancelada, né? – Mauriço disse a Polvina.

– É... – ambos saíram nadando a toda velocidade, assim como Tubarina e Estér.

Polvina e Mauriço seguiram a estrada que levava ao parque, onde provavelmente a professora estaria. O disfarce acabou sendo uma ótima idéia, pois, como havia previsto o senhor Lorenzo, vários outros mergulhadores tinham aparecido. Quando avistavam algum a certa distância, os dois se escondiam na areia.

– Espero que Estér e Tubarina estejam tendo mais sorte que a gente. Se tivermos que ir parando a toda hora assim, nunca chegaremos até o parque!

– Ei, Polvina! Olha lá! – Mauriço apontou para a sua direita.

– O que é que tem?

– É o meu palácio! – disse, apontando para um enorme aglomerado de pedras, algas e corais.

– Cadê? Não tô vendo! – Polvina olhava para os lados.

– Ali, ó!

– Ah! Nossa, nem dá pra ver por causa da camuflagem! Bom, pelo menos os castelos estão seguros e... caramba! Você mora a apenas quinze minutos da escola e ainda estamos aqui? Rápido, devemos nos apressar!

Os dois puseram-se a nadar ainda mais depressa.

Já Estér e Tubarina estavam conseguindo ir mais rápido, pois só precisaram se esconder uma vez, quando, durante o percurso, viram uma tarta-

ruga ser colocada numa rede por um mergulhador.

– Será que eles são bonzinhos mesmo? – Tubarina ainda estava desconfiada.

– Eu acho que sim, Tubarina... o que o senhor Lorenzo disse faz sentido. Eles não estão aqui para caçar. Talvez eles realmente queiram ajudar. Nossa, é impressão minha ou a água esquentou?

– É porque nós estamos próximas do Reino dos Tubarões! A água é mais quente aqui. Rápido, estamos chegando ao castelo.

Será que não era tarde demais?

14. TUBARÕES EM AÇÃO

– Professora Márcia! – gritou Polvina, ao chegar ao local onde o ônibus da excursão havia parado.

– Polvina! Mauriço! O que estão fazendo aqui? Onde estão Tubarina e Estér? E o senhor Lorenzo? – perguntou a professora assim que os viu.

– Não temos tempo, professora Márcia. Depois eu prometo que explico tudo! Agora, onde está o Rei Tubarão? Precisamos falar com ele sobre os mergulhadores!

– Ele está ajudando os animais ali na frente. Mas não se preocupe, nós já sabemos sobre os invasores e...

– Eles não são invasores, professora! Eles estão aqui para ajudar!

– O quê?

Polvina e Mauriço nem deram ouvidos à professora e puseram-se a procurar pelo Rei Tubarão, tarefa que ia ser bem difícil, pois o local estava lotado de princesas, médicos e enfermeiros. Havia centenas de animais cobertos de negro, alguns inconscientes. Sob o comando das crianças, os animais que não haviam sido atingidos faziam de tudo para ajudar.

– Por Salácia, isso é terrível! – disse Polvina, assustada com toda aquela cena.

– Ali, Polvina! O Rei Tubarão! – apontou Mauriço, ao avistar o pai de Tubarina falando ao celular.

Longe dali, naquele exato instante, Tubarina e Estér se viam frente a frente com o soldado que havia acabado de receber a ordem do Rei de iniciar o ataque aos mergulhadores.

– Ei, você! – perguntou Tubarina. – Cadê meu pai?

O soldado não deu muita bola para a princesa e anunciou para aquela enorme tropa de tubarões:

– Atenção... iniciar ataque aos invasores de Terra Firme... agora!

Os tubarões passaram a nadar a toda velocidade, como um verdadeiro exército, com ordens para aniquilar qualquer mergulhador que vissem. A cena era assustadora.

– Não! Você não pode fazer isso! – gritou Tubarina.

– Isso o quê? Estou cumprindo ordens de seu pai, o Rei!

– Pois então descumpra! Eu, como princesa dos tubarões, ordeno que você...

– Acontece que você ainda não tem poderes para governar, princesa! – respondeu o soldado, com ironia. – Somente o Rei Tubarão pode me fazer cancelar o ataque!

– Ora seu...

A alguns quilômetros dali, Polvina tentava a mesma coisa:

– Rei Tubarão, por favor, me escute! Cancele o ataque!

– Polvina, está dizendo que mesmo com a camuflagem vocês quebraram a janela da escola, quase foram vistos por um mergulhador, entregaram um filhote de tubarão para ele e depois vieram até aqui, sabendo que há dezenas de outros espalhados por aí? Eu deveria prender vocês por exporem todos nós àqueles infelizes de Terra Firme, e não cancelar o ataque!

– Rei Tubarão, tem muito mais animais doentes do que nós podemos tratar. Talvez haja esperança naqueles mergulhadores, pois até mesmo o senhor Lorenzo conseguiu vê-la. Por favor, cancele o ataque! – Mauriço tentou interceder, mesmo morrendo de medo do Rei.

– Aprenda uma coisa, rapazinho – o Rei Tubarão olhou nos olhos dourados de Mauriço. – Um dia você vai ser rei. Quando esse dia chegar, você verá a enorme responsabilidade que tem com todos no seu e nos outros reinos. O povo de Terra Firme vem poluindo e matando os mares há décadas. Eles não passam de predadores que só querem destruir o que encontram pela frente.

– Engraçado, eu sempre ouvi a mesma coisa dos tubarões, e hoje graças a pessoas

como Tubarina e o senhor Lorenzo, eu sei que isso não é verdade – rebateu Polvina com firmeza.

O Rei Tubarão não esperava aquela resposta. Então ele olhou à sua volta e viu todos aqueles animais doentes sendo amparados pelos médicos e crianças. A situação era realmente desesperadora. Muitos animais morreriam se não fossem tratados a tempo.

– Polvina, Mauriço... se vocês estiverem errados, eu vou me certificar para que fiquem na cadeia até que sejam mais velhos do que eu, não importa quem sejam os seus pais!

– Viva! – Polvina e Mauriço comemoraram.

O Rei pegou o celular e falou novamente com o soldado:

– Cancelar o ataque.

Do outro lado da linha, o soldado deu uma resposta inesperada:

– Eu não posso, majestade! Os tubarões já foram e...

– E o quê?

– A sua filha montou em um deles e foi junto! Ela está dando ordens diretas a eles, senhor! E ainda pisou no meu pé! Ai!

– Tubarina... – o Rei Tubarão estava bravo mas com uma pontinha de orgulho na voz.

Alguns instantes depois, uma cena incrível foi vista. Tubarina apareceu no horizonte montada num tubarão com Estér. Atrás dela estava todo o exército dos maiores tubarões brancos do Mundo de Salácia.

– Atenção, pessoal! Coloquem os animais em cima dos tubarões! Nós vamos levá-los à Terra Firme!

– Tubarina, o que pensa que está fazendo? – perguntou o Rei Tubarão.

– Estou fazendo o que tem que ser

feito, pai! Se levarmos os animais doentes até a superfície, os mergulhadores irão embora. Assim vamos evitar o conflito e salvar os animais!

O Rei ouviu a filha, pensou e acabou concordando:

– Certo. Mas você fica. Os tubarões partirão com os animais doentes sozinhos. Não quero que ninguém se exponha a aqueles... humanos!

– Obrigada, pai. Vamos lá, pessoal! Vamos colocar os doentes em cima dos tubarões!

A situação foi rapidamente explicada a todos, que estavam tão desesperados por uma solução que, de repente, nem acharam Terra Firme um lugar tão terrível.

– Só espero que o Felipe esteja certo... – disse Tubarina.

Enquanto alguns viam uma certa esperança naquela situação, outros a encaravam de outra forma. Os pingüins eram uma das espécies mais afetadas, o que deixou sua princesa Isa muito triste:

– Eu não vou deixar vocês levarem os pingüins de volta! Olha só como eles estão! Isso é culpa de Terra Firme! Quem garante que eles vão ajudá-los? – disse, às lágrimas, ao ver o estado de seus amigos.

Polvina tentou convencer a amiga:

– Isa, a gente tem que acreditar nas pessoas mesmo que elas sejam diferentes de nós ou de Terra Firme. Nós não temos mais como tratar os animais aqui. O hospital e os castelos estão cheios, e tudo o que podemos fazer agora é ter um pouco de fé que as coisas vão melhorar. Além do mais...

Tubarina veio com sua habitual delicadeza:

– Além do mais, cedo ou tarde os pingüins precisarão respirar. Como princesa deles você deveria saber que eles só podem ficar alguns minutos dentro d'água!

– As ambulâncias têm oxigênio para eles!

– Mas o oxigênio tá acabando e o nosso tempo também! Se você quer salvar seus amigos, mande-os subir nos tubarões, agora! – Tubarina já perdia a paciência.

– Calma, Tubarina! – controlou Polvina. – Por favor, Isa. Talvez seja a única chance.

Isa olhou para Polvina e então para seus amigos pingüins. No idioma deles, ela disse com tristeza na voz:

– Amigos... não temos como ajudar a todos aqui. Vocês devem ir com os tubarões para serem tratados... em Terra Firme.

Os pingüins se assustaram com a idéia, mas ao ver os tubarões partindo com tartarugas e peixes deitados em suas costas, acabaram concordando.

Isa abraçou seu amigo Pingo antes de colocá-lo em cima de um tubarão.

– Tchau, Pingo... você vai ficar bom, viu? – disse, triste.

– Você fez a coisa certa, Isa – disse Polvina, abraçando a amiga.

– Deixando eles irem embora? – a princesa respondeu chorando.

– Às vezes a gente tem que deixar quem a gente gosta ir embora... – disse Tubarina, ao lembrar-se do pequeno Felipe.

Levou muitas horas até que todos os animais fossem colocados em cima dos tubarões. Alguns estavam tão fracos que precisaram ser apoiados por outros que não haviam sido afetados. Aquela tarde trouxe cenas que ninguém, nem no Mundo de Salácia, nem em Terra Firme, jamais viu, como uma arraia-jamanta abraçada às costas de um tubarão para levar debaixo de si dezenas de peixes menores em segurança.

A mancha no céu era tão grande que quase ninguém percebeu que já havia anoitecido. Quando finalmente todos os animais já haviam partido, não sobrou alternativa a não ser voltarem para suas casas.

Ainda havia muito a ser feito e todos estavam exaustos. Aqueles que não podiam ajudar simplesmente rezaram.

15. O Dia em que a manhã não veio

No dia seguinte, Polvina acordou com o barulho de uma agitação inédita em seu palácio. Ela rapidamente se levantou, desceu as escadas e viu que o salão principal havia sido transformado em enfermaria. Vários médicos e enfermeiros ajudavam animais de todas as espécies.

– Quando isso vai acabar? – disse, pedindo para que o pesadelo finalmente tivesse fim.

– Ainda vai demorar um pouco, Polvina. Mas juntos nós vamos conseguir – respondeu seu pai, chegando por trás.

A princesa abraçou o Rei, que se sentia tão impotente quanto ela.

– Papai...

A mancha negra no céu havia recuado um pouco, mas ainda estava lá, transformando o dia em noite nas semanas que se seguiram.

Dentro do possível, aos poucos a vida foi voltando ao normal. As aulas recomeçaram, mas com um clima bem ruim.

– Quando a nuvem vai embora? – perguntou Polvina.

– Ainda não sabemos. Só nos resta esperar – respondeu a professora Márcia, com uma certa insegurança.

– E o senhor Lorenzo? Por que ele não voltou até hoje? – perguntou Tubarina.

– Também não sabemos, Tubarina. Também não sabemos.

A princesa dos tubarões simplesmente abaixou a cabeça e começou a chorar baixinho. Ela sentiu em seu ombro a mão de Estér, mas nem se mexeu. Polvina também a abraçou, e lá do fundo da sala, Mauriço disse timidamente:

– Ele vai voltar logo, você vai ver. Tem que voltar.

Tubarina levantou o rosto, olhou para o príncipe e disse, baixinho:

– Obrigada.

As aulas continuaram nesse clima por muitos dias. Aos poucos, a mancha no céu foi diminuindo, e os raios de sol voltaram a iluminar o Mundo de Salácia. O que ninguém lá sabia direito era como a tragédia havia começado.

A tal nuvem negra havia sido causada pelo vazamento de um navio que carregava petróleo. Durante apenas duas horas, milhares de litros do líquido foram jogados no mar, causando todos os problemas dos últimos dias, que também se estenderiam por muitos anos.

Imediatamente após o acidente, muitas pessoas de Terra Firme se esforçaram arduamente para conter o vazamento e recolher o petróleo com grandes tubos, que o sugavam para fora do mar. Mas só isso não bastava, era preciso salvar os animais atingidos pelo desastre. Por isso, nas praias e também debaixo d'água, muitos recolheram as vítimas e as levaram para tratamento.

Em Terra Firme ouviu-se falar da incrível história de um tubarão cego que levou um tubarãozinho com um mergulhador até a superfície, e também do

maior cardume de tubarões brancos já visto, que levou centenas de outros animais para serem atendidos pelos voluntários. Milagre é como foi chamado o ocorrido, e era disso mesmo que todos precisavam naquele dia tão terrível.

Tão logo foram entregues, os animais passaram pelo complicado processo de limpeza. Primeiro, a maior parte do óleo era tirada com esponjas e panos, para depois serem limpos com uma espécie de detergente. Para piorar, não apenas animais marinhos, mas também muitas aves haviam sido atingidas pelo desastre. Os animais que se recuperavam eram então enviados para zoológicos e aquários, onde se recuperariam antes de serem devolvidos à natureza. Nem todos puderam ser salvos, e, felizmente, o tubarãozinho conhecido como Felipe sobreviveu.

Durante todo o tempo de recuperação, em que foi tratado e alimentado pelos outrora ameaçadores homens de Terra Firme, o senhor Lorenzo ficou com ele, ouvindo, cheirando e sentindo cada ato dos humanos. Quando finalmente ele e Felipe estavam para ser devolvidos ao oceano, o velho tubarão percebeu que, assim como um dia ele perdera a visão por causa de um mergulhador, aquilo fez com que ele visse coisas que jamais havia imaginado.

– Felipe... preciso que me faça um favor – pediu o senhor Lorenzo.

16. O OLHO DE LORENZO

Polvina e as outras princesas nunca perderam a esperança de ver novamente seus amigos. Mas mesmo depois de o sol ter voltado a aparecer, o senhor Lorenzo e os animais não haviam voltado. Todo dia elas acordavam ansiosas, esperando por uma notícia que nunca chegava.

Nada diferente havia acontecido naquela manhã de terça-feira. Polvina passou com seu pai na casa de Estér antes de irem à escola:

– Oi, prima.

– Oi, Estér. Nada de novo, né?

– Acho que não.

O pai de Polvina perguntou:

– A Tubarina tem carona hoje?

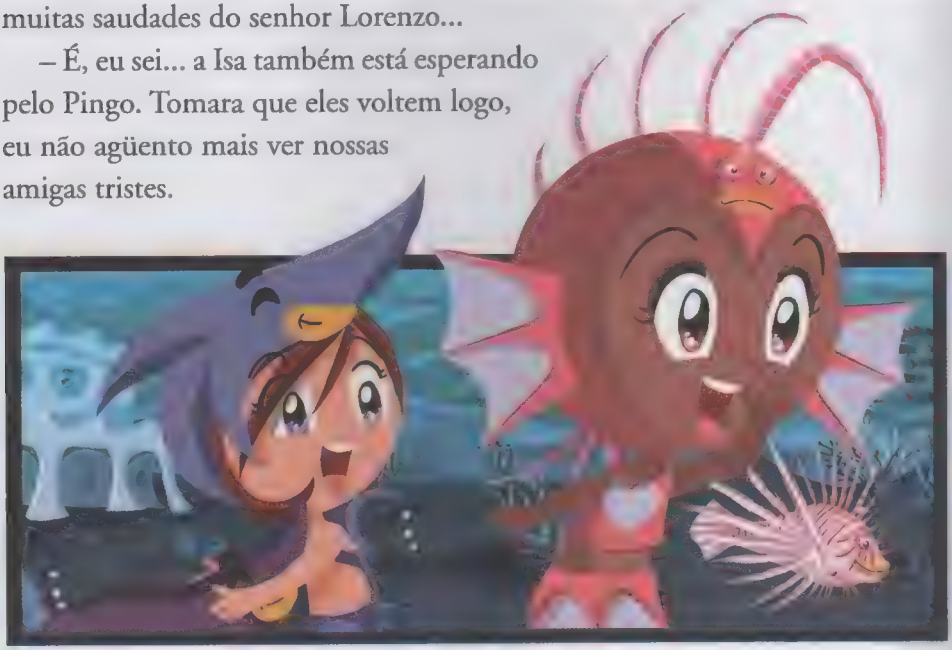
– Não, ela avisou que o Rei e a Rainha estariam fora e pediu pra gente passar na casa dela.

– Então vamos lá.

– Estér, o que você acha de a gente ir ao parque neste final de semana? Ele já foi reaberto e...

– Ah, Polvina. Querer, eu quero. Mas com essa história toda que aconteceu nas últimas semanas, fica chato a gente chamar as outras princesas, né? Muitas ainda estão tristes pelo que aconteceu, principalmente a Tubarina. Ela sente muitas saudades do senhor Lorenzo...

– É, eu sei... a Isa também está esperando pelo Pingo. Tomara que eles voltem logo, eu não agüento mais ver nossas amigas tristes.



– Nem eu. Bom, chegamos. Olha a Tubarina ali – disse Estér, apontando para a porta do Palácio dos Tubarões.

No trajeto para a escola, as meninas mudaram de assunto. Falaram sobre a lição, a novela, as fofocas, tentando fazer de conta que estava tudo bem. Mas elas sabiam que, lá no fundo, tinha algo errado, que só seria corrigido quando seus amigos voltassem.

A carruagem das Estrelas-do-Mar chegou à escola, e, tão logo as meninas desceram, um grito foi ouvido:

– Polvina! Estér! Tubarina! Venham aqui! – gritaram as outras meninas.

Mais do que depressa, as três correram para o pátio onde viram dezenas de animais sãos e salvos, abraçados com suas amigas princesas. As três então correram para o meio daquele monte de abraços, risos e choro, olhando para os lados até que...

– Tubarina! – gritou Felipe, que partiu como um míssil para cima da princesa dos tubarões.

– Felipe! – eles se abraçaram às lágrimas, com Polvina, Estér e Mauriço.

– Que bom que você está bem... nossa, você engordou! – constatou Tubarina.

– Hehehe, é, eu comi bastante enquanto estava lá em cima! – respondeu Felipe, rindo.

– E o senhor Lorenzo? Cadê? Tubarina, pergunta pra ele! – disse Estér.

Tubarina perguntou no idioma dos tubarões e ouviu uma longa e desajeitada resposta de Felipe. Não era a resposta que ela esperava, por isso ficou em silêncio por quase um minuto antes de traduzir a mensagem para os outros.

– Fala, Tubarina! O que ele disse? – Estér estava aflita ao ver a cara de espanto da amiga.

– Vai, Tubarina! Fala! – insistiu Mauriço.

– Ele disse... que o senhor Lorenzo decidiu ficar em Terra Firme!

– O quê? Como assim? – ninguém havia entendido.

– Ele disse... que após ter perdido a visão, tinha passado muitos anos se lamentando e temendo todos em Terra Firme. Mas depois que passou a viver entre os humanos, ele percebeu que a quinta Lei de Salácia também se estende à superfície.

– Qual é a quinta lei mesmo? – perguntou Mauriço.

– Respeitar todos os reinos como um só... – respondeu Polvina. – Então, é como se Terra Firme fosse um outro reino?

– Acho que sim... – respondeu Tubarina. – Acho que é isso que ele quer nos ensinar. Mas não é justo! – ela estava muito triste pela decisão do senhor Lorenzo. – Ele tinha é que ficar aqui, com a gente!

– Às vezes a gente tem que deixar quem a gente gosta ir embora, Tubarina – disse Isa, carregando em seus braços seu amigo Pingo.

– Isa! O Pingo está bem?

– Ele está ótimo! Mas só veio dar um "oi" rapidinho, pois precisa subir para respirar.

Todos passaram a mão na cabeça do pingüim, que logo se despediu e seguiu seu caminho até a superfície.

Então Felipe disse mais alguma coisa para Tubarina:

– O senhor Lorenzo também mandou dizer que vocês três estão dispensados de seu castigo... e quer que todos vão se divertir no Parque do Mar.

Tubarina ouviu a notícia, deu um sorrisinho e traduziu o recado para as amigas.

– E aí, quando é que nós vamos? – perguntou Polvina.

– No final de semana. Que tal? – respondeu Tubarina.

– Eba, finalmente vou poder ver a montanha-russa do Reino Abissal! E o hotel assombrado, e o carrossel em forma de polvo! Viva!

– Me conta como é esse tal hotel assombrado. Tem mais algum brinquedo de menino? – perguntou Mauriço.

– Todos os brinquedos são de menino, bobo! E de menina também! – respondeu Estér.

– Podem até ser, mas eu tenho certeza de que vocês, meninas, vão ficar chorando de medo do hotel, hahaha!

– Ora, seu moleque! – esbravejou Tubarina.

E, no final de semana, finalmente todos puderam ir ao parque. A excursão foi reorganizada e a escola inteira pôde se divertir e dar risadas para esquecer os fatos das últimas semanas. Apesar de terem sido dias tristes, muitas lições bonitas ficaram com todos, adultos, crianças e animais, sejam do Mundo de Salácia ou de Terra Firme.

Cada um guardou para si uma lembrança diferente e especial. E é assim que tem de ser com toda história, não é?

O AUTOR

Fábio Yabu nasceu em 1979, em Santos (SP), um mês antes do esperado. Veio ao mundo tão fraquinho que sua avó achava que ele não ia durar. Deu o maior trabalhão e até hoje não cresceu: gosta de ler livros infantis, jogar *videogame* e assistir a desenhos animados.

Sempre foi bom aluno. Mas um dia descobriu que viajar para descobrir outros mundos e depois voltar para contar a história não se ensinava na faculdade. Então largou tudo para criar seus personagens e aventuras.

Entre suas paixões estão seus amigos, um abraço quentinho e um travesseiro geladinho. Ama sua família, a quem dedica todas as suas palavras e desenhos, ontem, hoje, sempre.

Uma sombra na água é seu segundo livro. O primeiro, *Princesas do Mar,* também foi lançado pela Panda Books. No *site* www.princesasdomar.com.br você pode conversar com ele por *e-mail.*

AS PRINCESAS DO MAR ESTÃO DE VOLTA!

O Mundo de Salácia está em perigo! Uma estranha mancha no mar ameaça a todos os seres marinhos.

Quem irá salvá-los? O Rei Tubarão só pensa em atacar e planeja uma guerra contra os homens de Terra Firme.

Polvina, Estér, Tubarina, Mauriço e o novo amigo da turma, senhor Lorenzo, entram em ação nessa história cheia de suspense, humor e emoção. **Uma sombra na água**, mais uma aventura das Princesas do Mar escrita e ilustrada por Fábio Yabu.

ISBN 85-7695-008-1

SUPLEMENTO DE ATIVIDADES

Nome:
Série: Data:
Estabelecimento:

UMA SOMBRA NA ÁGUA

Você viu a confusão que os homens de Terra Firme provocaram no Mundo de Salácia? Se dependesse do Rei Tubarão... a solução seria bem sangrenta! Mas as princesas do mar aprenderam que a ajuda pode vir de onde menos se espera. Vamos pensar sobre tudo o que aconteceu?

Diferenças e semelhanças: Vida de verdade

1. Por mais que sejam diferentes, os príncipes e as princesas do mar também têm muito em comum. Quer ver? Distribua as qualidades do quadro abaixo entre eles, mostrando o jeito de cada um. Você pode usar a mesma qualidade mais de uma vez.

Tubarina:
Polvina:
Estér:
Mauriço:

2. Vendo o resultado do exercício anterior, responda:

a. É certo dizer que Tubarina e Estér são completamente diferentes e, por isso, nunca serão amigas de verdade?

b. Mauriço e Estér são muito parecidos? Isso é importante na amizade deles?

c. E você, com qual dos personagens é mais parecido? Por quê?

d. Qual dos príncipes ou princesas que aparecem na história seria seu melhor amigo? Por quê?

3. Os habitantes de Salácia se consideravam muito diferentes dos homens de Terra Firme. Pensando nisso, assinale as afirmações verdadeiras.

( ) Apesar das diferenças, os dois mundos sempre foram amigos e trabalharam em parceria.

( ) Todos no Mundo de Salácia consideravam os homens inimigos.

( ) O povo de Salácia fazia de tudo para não ser visto pelos homens de Terra Firme.

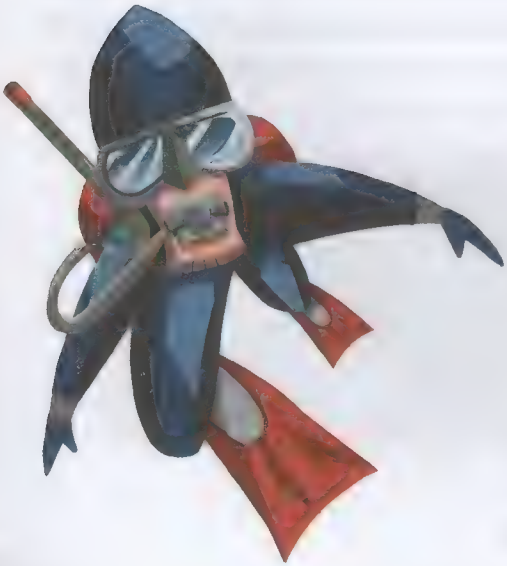
( ) Todas as princesas passam as férias em Terra Firme.

( ) O Rei Tubarão planejava há tempos um ataque de tubarões brancos a mergulhadores que se aproximassem de Salácia.

( ) Os habitantes de Terra Firme sempre foram bondosos com o mundo de Salácia e acabaram por ser dominados pelo Rei Tubarão.

( ) Os homens de Terra Firme já fizeram muito mal ao Mundo de Salácia e, por isso, são temidos.

4. É correto dizer que as opiniões do povo de Salácia sobre os homens de Terra Firme estavam certas só em parte? Por quê?



Ameaça à natureza: a união faz a força

1. Será que você lembra como toda essa aventura começou? Ligue os fatos que aconteceram mostrando como foi essa história.

Tudo começou com a inauguração do novo parque de diversões.

Tudo começou com a discussão de Estér e Polvina.

Tudo começou com o céu ficando muito escuro...

A Escola do Mar marcou uma excursão para o parque e todos estavam ansiosos.

A professora Márcia sugeriu uma excursão ao novo parque, mas ninguém se entusiasmou.

Estér, Tubarina e Mauriço acabaram brigando porque um esqueceu de dar carona para o outro e não foram para a excursão.

Mauriço, Tubarina e Estér brigaram e ficaram de castigo: não participariam da excursão.

Mauriço e Tubarina brigaram com Estér porque ela era metida, então foram suspensos da escola e não foram à excursão.

2. Além de Mauriço, Estér e Tubarina, outras duas princesas não foram à excursão.

a. Que princesas foram essas?

b. Por que elas não foram com a turma?

3. Na escola, Polvina, Estér, Tubarina e Mauriço conheceram alguém muito especial, o senhor Lorenzo. Encontre seis características desse personagem no caça-palavras e escreva-as no quadro abaixo:

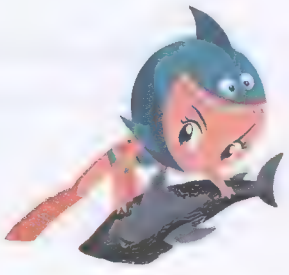
A	R	S	A	L	A	C	I	T	U	B	A	R	P	E	I	X	M	A	T
S	A	E	N	G	U	I	A	F	A	M	I	N	P	R	I	N	V	F	S
E	I	N	C	O	V	A	R	D	S	E	N	S	I	V	E	T	U	O	O
R	A	S	S	P	E	I	T	U	B	A	R	A	O	A	R	T	A	R	U
E	N	I	N	T	E	L	I	G	E	N	T	E	A	L	E	S	T	T	R
I	P	V	C	U	C	A	V	A	L	O	A	R	I	N	H	C	O	E	I
A	R	E	E	B	P	O	L	I	G	L	R	O	A	I	P	E	M	O	C
P	I	L	G	A	S	E	N	S	I	V	T	N	R	N	A	G	I	L	O
R	N	F	E	R	O	Z	E	S	P	E	A	R	R	T	L	O	C	E	C
I	N	M	A	A	G	I	I	N	T	E	R	O	A	E	I	S	O	O	E

4. Tudo aconteceu de repente... Bem nesse dia, um grande perigo ameaçou todo o Mundo de Salácia. Vamos ver se você consegue avaliar tudo o que aconteceu?

a. Que perigo foi esse?

b. Quem foi o responsável por essa ameaça? Por quê?

c. A situação foi resolvida da maneira que o Rei Tubarão queria? Por quê?



COMO PODE UM PEIXE VIVO VIVER FORA D'ÁGUA FRIA?

1. Nessa história a gente viu que a ajuda, muitas vezes, pode vir de onde menos se espera.

a. Assinale as situações em que isso aconteceu:

- Polvina decidiu ajudar Estér e Tubarina a fazer as pazes.
- Os mergulhadores de Terra Firme resgataram os animais contaminados para curá-los.
- Os reinos de Salácia se uniram para salvar os animais marinhos.
- Mauriço ajudou a consolar Tubarina pela ausência do senhor Lorenzo.

b. Por que essas ajudas eram inesperadas?

c. Você acha que nos momentos de dificuldades até os inimigos se unem? Por quê?

2. Em diversos momentos são citadas as Leis de Salácia. Todas as crianças do Mundo de Salácia aprendem essas cinco leis no primeiro ano da escola:

As Leis de Salácia

1. Jamais se expor ao povo de Terra Firme.
2. Praticar o bem, a boa vontade e a generosidade.
3. Cuidar do seu reino.
4. Cuidar dos outros reinos.
5. Respeitar todos os reinos como um só.

a. Quais dessas leis foram colocadas em prática pelas princesas e pelos príncipes do mar? Em que momento?

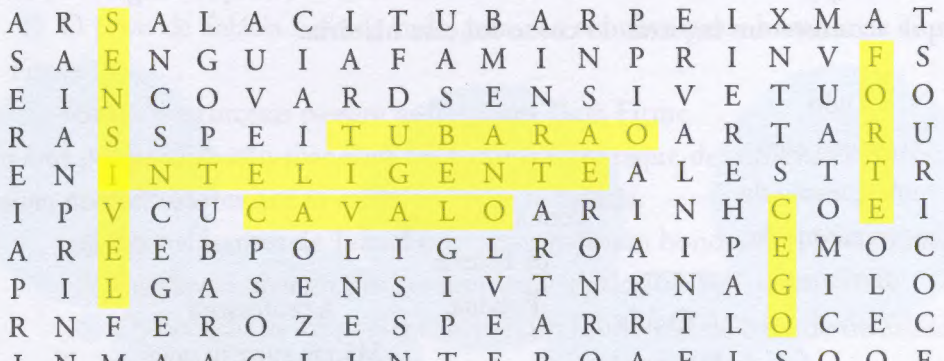
b. Quais dessas leis foram desrespeitadas pelas princesas e pelos príncipes do mar? Por quê?

c. Você acha que eles agiram certo desrespeitando essa lei? Por quê?

UM FUTURO DE AMIZADE

Ao final da história, todos do Mundo de Salácia aprenderam uma importante lição: Terra Firme também fazia parte desse grande reino que deve ser respeitado e cuidado por todos. O que você imagina que acontecerá depois disso? Os reis de Salácia farão contato com alguns homens? Os príncipes e as princesas buscarão conhecer as crianças de Terra Firme? Imagine como isso acontecerá e escreva uma história caprichada em seu caderno.

A R S A L A C I T U B A R P E I X M A T
S A E N G U I A F A M I N P R I N V F S
E I N C O V A R D S E N S I V E T U O O
R A S S P E I T U B A R A O A R T A R U
E N I N T E L I G E N T E A L E S T T R
I P V C U C A V A L O A R I N H C O E I
A R E E B P O L I G L R O A I P E M O C
P I L G A S E N S I V T N R N A G I L O
R N F E R O Z E S P E A R R T L O C E C
I N M A A G I I N T E R O A E I S O O E


A R S A L A C I T U B A R P E I X M A T
S A E N G U I A F A M I N P R I N V F S
E I N C O V A R D S E N S I V E T U O O
R A S S P E I T U B A R A O A R T A R U
E N I N T E L I G E N T E A L E S T T R
I P V C U C A V A L O A R I N H C O E I
A R E E B P O L I G L R O A I P E M O C
P I L G A S E N S I V T N R N A G I L O
R N F E R O Z E S P E A R R T L O C E C
I N M A A G I I N T E R O A E I S O O E